

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
BACHARELADO EM DANÇA**

REMILTON DE SOUZA NUNES

**CULTURA ÁRABE NO AMAZONAS: HISTÓRIAS E PERCURSOS DO GRUPO
SÍRIA DO AMAZONAS**

**MANAUS/AM
2021**

REMILTON DE SOUZA NUNES

**CULTURA ÁRABE NO AMAZONAS: HISTÓRIAS E PERCURSOS DO GRUPO
SÍRIA DO AMAZONAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado á banca examinadora da Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Dança, sob a orientação do professor MSc. Getulio Henrique Rocha Lima.

**MANAUS/AM
2021**

RESUMO

O estado do Amazonas teve uma de suas mais valiosas épocas, o período da borracha. Que atraiu inúmeros olhares, inclusive dos imigrantes árabes, sírios e libaneses, que chegaram aqui com um único objetivo, sobreviver. Dentro de tantos acontecimentos que moldaram a trajetória da cultura árabe no Amazonas, nos deparamos com a história do Grupo de Dança Síria do Amazonas, que nasceu de um fenômeno chamado Danças Internacionais, acontecimento que movimentou a cidade até os dias atuais, um escape de arte, dança, teatro, moda e tantos outros aspectos que construíram uma visão folclórica a estes grupos. E para alcançar o objetivo de descrever tudo o que de fato aconteceu foi necessário entrevistar os coordenadores e fundadores deste grupo que há mais de 25 anos vem trilhando o seu caminho, entendendo o afeto que os próprios imigrantes criaram com este movimento, o incentivo, o compartilhar de suas lembranças e manifestações que provocou uma expansão cultural árabe no estado do Amazonas.

Palavras-chave: período da borracha; imigrantes sírios e libaneses; Grupo de Dança Síria do Amazonas; Danças Internacionais.

ABSTRACT

That state of Amazonas had one of its most valuable times, the rubber period. That attracted countless eyes, including Arab, Syrian and Lebanese immigrants, who arrived here with a single objective, to survive. Within so many events that shaped the trajectory of Arab culture in the Amazon, we come across the history of the Syrian Dance Group of Amazonas, which was born from a phenomenon called International Dances, an event that moves the city to this day, an escape from art, dance, theater, fashion and many other aspects that built a folkloric vision to these groups. And to reach the goal of describing everything that actually happened, it was necessary to interview the coordinators and founders of this group that for over 25 years has been following its path, understanding the affection that the immigrants themselves created with this movement, the encouragement, the share their memories and manifestations that provoked an Arab cultural expansion in the state of Amazonas.

Keywords: rubber period; Syrian and Lebanese immigrants; Amazonas Syrian Dance Group; International Dances.

AGRADECIMENTOS

Para concluir e realizar esta pesquisa existiu um esforço coletivo que vai muito além do eu próprio. Pessoas que preciso enaltecer direto e indiretamente, amigos, família e os profissionais aqui envolvidos que acreditaram fielmente em minha capacidade, contribuindo assim para que eu seguisse cada objetivo, regado de incentivos, palavras e muito apoio pelos quais eu jamais vou esquecer.

Primeiramente ao meu bom Deus por me permitir este momento de realização.

Aos meus avôs, minha bisa que de muito contribuíram com minha base educacional e como eu os queria próximo de mim agora.

Aos meus pais, Dona Edilene e Seu Edmilson que nunca hesitaram qualquer ajuda ou atenção, e me incentivaram dia e noite, agradeço cada sacrifício, cada dificuldade que junto a mim eles enfrentaram, obrigado! Sem o amor de vocês eu não chegaria tão longe.

Uma gratidão ímpar também a uma querida tia (Célia Regina) que inúmeras vezes me ajudou financeiramente a ir para a faculdade, a tirar tantas xerox, e apoiou esta pesquisa em inúmeros momentos, muito obrigado por tanto.

Aos meus professores da Universidade, aos professores do BECDA, a direção do BECDA. Um grandioso obrigado, por tanta dedicação e conhecimento, por uma contribuição artística de peso em minha carreira, e pelo incentivo coletivo de querer nos ver vencer, muito obrigado!

Aos meus amigos, a todos eles eu sou muito grato. Queria poder citar a lista de nomes que fizeram até o último momento algo de muito importante para essa pesquisa, obrigado por tudo, que sejam todos abençoados por me quererem tão bem. Isso incluir a minha companhia CIAAD, que me ajudou a amadurecer e entender de forma profissional o universo pelo qual eu me profissionalizo hoje.

Agradeço a toda equipe do Grupo de Dança Síria do Amazonas, em especial o Waldir Junior e Rosimeire Tavares. Obrigado pelos relatos, pelo amor em seus olhos, pela dedicação e pela arte que aqui deixamos transcrita no tempo, são merecedores de toda a honra possível.

E um agradecimento único e especial ao excelentíssimo profissional, e meu orientador o professor Getúlio Lima. Que nunca impôs nenhuma barreira e comigo se dedicou em busca de objetivos positivos, me orientado a qualquer hora, atencioso e esperanço de que cada passo nos aproximava mais de um digno resultado final, serei de fato eternamente grato por tantos conselhos e direcionamentos. Obrigado!

Não é que eu queira agradecer a mim por algo, mas eu sei as noites difíceis, os choros, o pensamento de desistência, as leituras turbulentas nos coletivos diários, a divisão do trabalho, da vida e estudos. Eu só quero dizer que bom Remilton! Que bom que chegamos aqui, que bom que podemos agradecer a tantos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1. IMIGRAÇÃO	10
2.2. DANÇAS INTERNACIONAIS.....	15
3. METODOLOGIA	23
3.1. TIPO DE PESQUISA.....	24
3.2. CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO E DA PESQUISA.....	24
3.3. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS.....	24
3.4. ABORDAGEM DO TIPO DE PESQUISA.....	24
3.5. MÉTODOS DE COLETA.....	25
3.6. PARTICIPANTES.....	25
3.7. INSTRUMENTOS.....	25
3.8. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS.....	25
4. GRUPO DE DANÇA SÍRIA DO AMAZONAS	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
7. ANEXO	41
8. APÊNDICES	42

INTRODUÇÃO

É verídico que a imigração estrangeira muito contribuiu com a formação social, econômica e cultural no Brasil. Foi no período conhecido como “Ciclo da Borracha”, concentrado na região amazônica, que cidades como Manaus, Porto Velho e Belém se destacaram no cenário nacional. Atraídos e em busca de melhorias aconteceu à imigração de diversos povos de outros países para a Amazônia. A imigração estrangeira trouxe consigo costumes que, de certo modo, foram absorvidos pelos moradores locais que influenciados, iniciaram na década de 80, em Manaus, um movimento que se destacou como as danças do folclore internacional, buscando representar vários países, principalmente, as danças árabes, possivelmente sugestivos ao grande número de imigrantes que aqui se fixaram.

E ao passar dos anos dentro do universo das danças internacionais ainda como bailarino, lembro-me que tudo o que fazíamos era reproduzir gestos e falas que permeavam os grupos em Manaus. Não tínhamos referências teóricas, entretanto, havia um conhecimento e vasto repertório motor, um entendimento dos costumes por meio de relatos de pessoas que viveram ou conviveram com os estrangeiros presentes no Estado, desde a década de 70.

Os imigrantes chegaram a Manaus, dominaram o comércio, popularizaram sua cultura com aqueles que aqui habitavam e criaram grupos que expressavam por meio da dança sua cultura, um fenômeno que estimulou toda uma geração de meninos e meninas que passaram a se sentir parte daquela cultura. Buscavam se dedicar dias e noites nesse que vinha se tornar um grande movimento, um coletivo de representatividade cultural em nosso estado. As danças internacionais árabes de Manaus se apropriaram culturalmente falando de toda uma resistência histórica, sobrevivência que esses Sírios Libaneses encontraram aqui, reerguendo e construindo suas vidas como beduínos que viajam em busca de terras abertas, gerando grandes histórias que você não encontra em qualquer livro, personagens que passam despercebidos em nosso dia a dia, mas que colaboraram para a Manaus que vivemos hoje, são histórias e memórias significativas.

Um povo que contribuiu com tantas descobertas, Mercadantes, televisivas, navegações, filhos e filhas de Allah que foram adotados pelo Amazonas, dedicando-

se a investir na terra que se pisava, ensinando seus herdeiros os valores da vida, as crenças e o respeito por suas tradições, ainda que distante de sua terra rezava pela paz dela e contava com alegria, as mais belas histórias para quem quisesse ouvir. Com persistência estes Sírios Libaneses tornaram-se personalidades importantes na cidade e seus sobrenomes são reconhecidos e muito respeitados.

A pesquisa aqui criada permeia um trajeto percorrido com seriedade, comprometimento e arte de forma a qual toda epistemologia existente nesse acontecimento nos conduz a descrição dessas histórias e percursos. Buscaram-se as mais íntegras respostas para as perguntas e dúvidas que iniciaram e provocaram esta pesquisa. Muitos grupos que nasceram neste contexto foram desfeitos, outros passaram por reformulações mudando até de nome, entre tantos o Grupo Síria do Amazonas se mantém há 25 anos, sobrevivendo aos empecilhos impostos pelo tempo.

Diante deste cenário percebemos a necessidade de registrar as ações, produções, projetos, memórias deste grupo como uma resposta vigorosa pela permanência de uma classe artística. Investigando diversos contextos em que os grupos de danças folclóricas internacionais se inserem. Assim, surgem os seguintes questionamentos: Como um grupo, em meio a tantos, conseguiu se manter presente nos festivais da cidade? Quem são os atores sociais que construíram/constroem a história do grupo?

Este grupo inicialmente recebeu apoio de imigrantes sírios e libaneses que, na época, dominavam o comércio local. E há anos vem desenvolvendo um trabalho expressado por meio da dança, voltado para os costumes deste povo. O Grupo Síria é um dos mais expressivos neste universo das danças folclóricas internacionais no Amazonas, com passagens em festivais locais, nacionais e internacionais. Entretanto, há uma escassez ampla de registros e movimentos folclóricos no Amazonas, muito tem sido realizado e pouco tem sido registrado para que futuras gerações conheçam a história de grupos como a Dança Síria.

Assim, este estudo propõe uma conexão com a história das Danças Internacionais no Amazonas, enfatizando registrar a história do Grupo Síria do Amazonas. Acreditamos que esta pesquisa possa contribuir de maneira significativa para este movimento tão singular e expressivo, conhecendo e compreendendo a imigração dos povos do oriente médio e por meio de relatos e documentos os fazeres desta dança, descrevendo e fortalecendo a história da cultura no Amazonas.

9. REFERENCIAL TÉORICO

9.1. IMIGRAÇÃO

Podemos compreender o termo como a necessidade que uma pessoa tem de entrar em um país estrangeiro para viver, deixando seu país de origem (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2015). Diversas são as razões que provocam a ação, as principais são de ordem religiosa, cultural, econômica, política ou natural. Ainda hoje percebemos o quanto pessoas ou povos são forçados a deixar seu habitat natural em busca de melhores condições para viver.

Neste contexto, a Síria, país do Oriente Médio, sofre com uma dura divisão, tanto política, quanto religiosa, o que acaba por causar uma guerra, uma dura realidade que leva os sírios a perderem as principais necessidades de sobrevivência, sua casa, água, eletricidade, a sua família, a sua vida. Foi um tempo em que grande parte deste povo deixou seu país para iniciar uma vida nova na Amazônia sonhando em reconstruir sua existência neste novo local.

Ao adentrarem em um novo habitat precisavam enfrentar todos os tipos de barreiras, construir confiança para saber onde pisar e ganhar amizades. Dando início a uma junção de valores, cultura e crenças.

O porto de Belém serviu como porta principal para a chegada dos sírios libaneses, interessados na grandiosidade que foi o Amazonas com o período da borracha. Foi um período em que a região abrigou dos mais diversos imigrantes, “Em 1920, somados os três maiores receptores Amazônicos destes imigrantes (Pará, Amazonas, Acre) o censo aponta aproximadamente três mil indivíduos”. (STAEVIE, 2010, p.159).

“A maioria deslocou-se para o interior amazonense na faina dos desbravadores e, após amealhar os primeiros contos de réis (nossa moeda no começo do século), deixou raízes na pequena cidade, transferindo-se para Manaus a fim de abrir comercio mais competitivo na área do mercado público (Ruas Barão de São Domingos, Barés, Miranda Leão, Rocha dos Santos, Travessa Tabelação Lessa, Marquês de Santa Cruz)”. (ANTONACCIO, 2000, p.11).

De fato, havia um grande interesse em educar e perseverar em um futuro brilhante a seus filhos, para que eles se tornassem pessoas simples, de coração aberto a amizades.

As profissões destes imigrantes eram das mais diversas, desde vendedor ambulante a cozinheiro, agricultor, alfaiate, industrial, jornalista. Profissões que ajudaram na construção de um formato de mercado que era proposto naquela época. O objetivo era vender. O olhar era de grandeza. Os sonhos afloravam sobre imigrações necessárias. “O crescimento econômico da Amazônia, decorrente da elevação dos preços da borracha nesse período pode ter constituído fator motivador dessa expressiva imigração”. (FERREIRA, 2013, p. 02).

Percebemos que as maiorias dos imigrantes sírio-libaneses entraram no Brasil buscando melhores condições para sobreviverem. O Ciclo da Borracha foi fator determinante para que muitos estrangeiros adentrassem à inhóspita Amazônia em busca de enriquecimento fácil. Isso resultou em um grande contraste de culturas em nossa região.

Os árabes foram espalhando-se em outras direções, incluindo-se entre elas a área que compreende a escadaria dos remédios, onde imigrantes de origem sírios libaneses se fixaram, acabando por dominar o comércio local quase por completo por algumas décadas, principalmente as de 60, 70,80, rivalizando com os comerciantes lusos. (XAVIER,2002, p.171).

Grande foco das colônias árabes que se formaram era no Amazonas, porém não exatamente em Manaus, mas em seus interiores. Onde interessasse a possibilidade de sobrevivência era motivo de ficar, sendo assim tínhamos ou ainda temos ao menos famílias árabes pelos rios Amazonas, Solimões, Juruá, dentre tantos outros. Com isso fala-se de uma teoria criada, que Manaus foi construída e fortalecida com ajuda de muito dos homens, mulheres e crianças árabes vindos dessa imigração durante o Ciclo da Borracha, fazendo com que existisse a miscigenação destes povos, gerando as famílias de hoje, onde manauaras são netos, filhos ou descendentes de árabes.

Os árabes como contribuintes históricos que se tornaram, alimentaram em diversos momentos a economia amazonense. Seguindo efetivamente presente na indústria, no comércio ou no que vinha sendo construído deste mercado.

No século XIX até a primeira década do século XX a Amazônia já era rota e destino de imigrações de diferentes países, não era mais segredo a ninguém que as riquezas da borracha atraíam e mantinha quem chegasse. Entretanto, ainda na segunda década do século XX veio a queda da borracha, trazendo uma grande quebra no fluxo que a Amazônia se encontrava, pois o sudeste asiático havia

superado a economia da borracha no Amazonas, conseqüentemente, as empresas aqui pararam provocando sua saída imediata da Amazônia.

Então, os próprios imigrantes sírios libaneses se vincularam ao comércio do varejo, um tipo de atividade que se utiliza de vendas de produtos ou a comercialização destes serviços em pequenas quantidades pelos rios do Amazonas, chegando àqueles mais difíceis de alcançar. Os sírios vendiam direto ao comprador final sem passagens por intermediários, o que lhes rendia um lucro maior.

Esta atividade nos rendeu os conhecidos regatões eteco-teco, com o comerciante se deslocando até seus clientes, atividade já realizada e conhecida pelos árabes, pois os beduínos viviam no deserto como tribos e viajavam organizados como clã. Esta imagem de um comerciante que se deslocava até seus clientes, era bastante inovadora para a região. “Um comerciante ambulante, que carregava suas bugigangas às costas, em sacolas ou malas, e que batia duas varas, uma contra a outra, anunciando sua passagem. (ANTONACCIO, 2000, p.116).

“Com a queda da economia da borracha, após ser superada pela produção do Sudeste Asiático, no início da segunda década do século XX, as grandes empresas produtoras e comerciais de borracha na Amazônia estagnaram ou saíram do país. Mas muitos estrangeiros ficaram e outros continuaram a chegar, substituindo vários dos empreendimentos outrora concentrados nas mãos de grandes companhias de produção e exportação de borracha. O censo de 1920, quando a economia da borracha estava em plena decadência, registrou no Pará 22 083 estrangeiros (2,2% da população total do Estado), e no Amazonas 16 936 (4,7% da população total do Estado). Surgem, como consequência, serviços especializados, pequenos comércios, pequenas indústrias e produção agrícola, para suprir as necessidades da população remanescente”. (FERREIRA, 2013, p.112).

Seus costumes alimentares também acabaram sendo herdados junto a crenças, músicas e danças. Ainda que no Brasil sua gastronomia seja diversa e forte, os árabes temem suas mãos temperos, bebidas e diversos outros artifícios que juntos acabaram construindo uma identidade nacional de miscigenações estrangeiras.

Por conta disso é comum ver referências ou menções a árabes sírio-libaneses durante algum dos períodos históricos de nossa história cultural. A tradição na comida árabe é algo forte e de família, logo vemos que se trata de um povo respeitoso a seus valores. Claro que com o passar do tempo e o estoque de raízes materiais trazidos com a imigração foi ficando cada vez mais difícil manter tantos costumes e crenças sem envolver a cultura brasileira.

A alimentação é um forte registro da cultura de um povo, e por meio dela, os imigrantes são capazes de preservar laços sociais, reforçando costumes e conectando-se com parte importante de sua história. A manutenção de certas tradições alimentares foi uma das estratégias adotadas pela comunidade árabe, imigrante e descendente como um meio de preservação da identidade vinculada às suas origens. “Complementarmente, é possível verificar na cozinha brasileira contribuições que vão além da chegada de sírios e libaneses ao país”. (SUZANO, 2014, p.11).

Criativos desde muito cedo não precisavam de muito esforço para chamar atenção. “As suas decorações rendadas expostas nas fachadas dos edifícios mouros e árabes denominadas de arabescos são famosas no mundo inteiro “. (ANTONACCIO, 2000, p.60). Estes arabescos que compõem as artes árabes são de fato muito famosos, compõem-se de uma elaborada combinação de forma geométrica, que representa o pensamento ou em que o tal artista se inspirou, sendo que em sua grande maioria essas formas vêm de uma essência infinita que se estende além do mundo visível e material.

Clubes que foram iniciados por imigrantes bem-sucedidos, lugares criados para se sentirem um pouco mais perto de casa, ainda que não saísse do lugar, festas, instrumentos, cantos e danças, por consequência comidas, bebidas e vestimentas, de repente tínhamos realmente uma parte da Síria e do Líbano na Amazônia. “Ainda no tocante a Manaus, a autora aponta a criação de clubes libaneses” (STAEVIE, 2018, p. 156).

Não só no Amazonas, mas em outros estados crescia os números de estrangeiros, pois mesmo após a queda da borracha a propaganda sobre a Amazônia brasileira era intensa nos portos e no boca-a-boca de Mercadantes.

Aqui existia uma vida social a qual incluía os clubes e bailes, atrações e músicas. Como exemplo, o Clube Sírio Libanês, localizado na Avenida Constantino Nery, nas décadas de 50,60,70 acolhiam seus imigrantes, assim como, os demais imigrantes judeus, alemães, italianos e os amazonenses que ali se interessavam pelas festividades. “Essas reuniões faziam florescer uma sociedade ativa e familiar, despontando como um dos primeiros pontos de lazer de Manaus”. (ANTONACCIO, 2000, p.107). Este clube contava com piscinas, campo de futebol quadras de esportes. Seus finais de semana tornaram-se memoráveis a estas famílias.

Nos anos posteriores outros clubes passaram, também, a realizar grandiosas festas e bailes, como o Atlético Barés Clube e o Cheik Club, que atualmente, se tornou uma academia na Avenida Getúlio Vargas esquina com a Ramos Ferreira.

Tudo era comandado por famílias árabes ou essas famílias compunham a sociedade destes clubes, mas ali sempre estavam presentes, o que só comprova que de fato almejavam estar presente como um todo dentro daquele, local, cidade, estado ou país o qual foi escolhido como destino. O que marca estes sírio-libaneses é um forte compromisso, de desbravar, lucrar e aqui investir, multiplicar, consolidar um patrimônio, uma raiz.

Analisando os Censos Demográficos de 1920 e 1940, EMMI (2013) aponta que Pará, Mato Grosso, Amazonas e Acre encontravam-se entre os 12 estados com maior número de sírios e libaneses residentes em seus territórios. Em 1920, o Pará abrigava 1.460 destes imigrantes, ocupando a sétima posição geral; o Mato Grosso, 1.232; o Amazonas, 811; e o Acre, 627. (STAEVIE, 2018, P. 159).

Esses imigrantes são sempre associados aos Mercadantes, pois de fato está foi a principal atividade deles no início de sua existência na Amazônia. Entretanto, atualmente, muitos se tornaram jornalistas, agricultores, cozinheiros, e investidores, influenciando outros nichos de mercado e criando empresas no estado do Amazonas. Assim, não é espanto algum encontrar com descendentes dessas famílias árabes em diferentes profissões no estado e até mesmo em altos cargos.

Essas famílias árabes prosperaram no Amazonas e seus descendentes estão relacionados intelectualmente ou artisticamente a alguma atividade importante, permanecendo a influência de sua cultura por onde atuam.

Phelippe e Aloísio Daou junto ao jornalista Milton de Magalhães Cordeiro criaram a Rede Amazônica de Rádio e Televisão, hoje representante da Rede Globo, contribuindo, significativamente, com nosso estado.

No mundo das telecomunicações, foram outros árabes, sob o comando do empresário mais polêmico dos últimos 40 anos aqui no Amazonas, o meu amigo Khaled Ahmed Hauache e sua esposa Sadie Rodrigues Hauache, que tiveram a primazia do pioneirismo, fundando a TV Ajuricaba – Canal 38, em 5 de setembro de 1969, que já nascia, naquele tempo, como repetidora da Rede Globo no Amazonas. (ANTONACCIO, 2000, p. 45).

A cultura sírio-libanesa está muito presente no Amazonas, até na religião temos influência, a Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios também é conhecida como a Paróquia dos Sírio-libaneses. Tudo por conta da grande devoção a Nossa Senhora de Aparecida que no Líbano é chamada de Nossa Senhora do Líbano reconhecendo assim a grandeza de Maria.

Muitos destes imigrantes que aqui chegaram já eram empresários e no final do século XIX passaram a conhecer o Amazonas não só pela fama da borracha. Desde então, contribuíram com lições, administrações, diversões, habilidades, seus comércios de armarinhos, rendas, tapeçarias e tecidos de lã e algodão, linhas de costuras. Tudo isso é percebido ainda hoje pois muitos destes armarinhos ainda estão em funcionamento no Centro da cidade de Manaus.

A diferença é que anos atrás em um período que um comercial ainda não era algo comum, a propaganda ali criada era de fato a alma do negócio, sempre persuasivos e persistentes na arte de vender não mediam esforços para agradar a clientela.

Ressalta-se que o empresário de comunicação Khaled Ahmed Hauache, dono da extinta TV Ajuricaba, fundada na década de 60, também criou a TV Manaus, na década de 90. Posteriormente, a TV Manaus deu origem a TV Norte do Amazonas. O Sr Khaled faleceu aos 102 anos, foi casado, tem 4 filhos, 12 netos e 9 bisnetos. Sua influência na cultura local foi tão expressiva que seu legado abrange o que conhecemos hoje como o movimento das Danças Internacionais.

É perceptível que “foram muitos os árabes que chegaram a Manaus com a finalidade maior de se estabelecerem” (ANTONACCIO, 2000, p.117), o Sr. Khaled é prova disto. Influenciou sobremaneira a economia local, o mercado jornalístico/televisivo e também a área artística, pois por meio de músicas, fitas cassete, roupas típicas, relatos, lendas e histórias, proporcionaram conhecimento para que atores sociais ligados a danças populares pudessem criar meios de exploração destas informações em grupos folclóricos que passaram a apresentar espetáculos onde a cultura sírio-libanesa era o foco central. “E assim são os árabes. De uma cultura que atravessa todos os continentes, seu mundo maravilhoso é cheio de parábolas e profecias, ensinamentos filosóficos e crenças”. (ANTONACCIO, 2000, p.59).

2.2. DANÇAS INTERNACIONAIS

Manaus é rica em diversidade cultural com inúmeras danças regionais cheia de suas tradições, lendas e contos. Neste contexto, existe um nicho que promove uma linda manifestação cultural à parte, as Danças Internacionais Árabes. Com roupas exóticas, exuberantes, evidenciando a beleza feminina e, sem perder a

masculinidade, impõe aos homens a presença, a força e a precisão em cada movimento.

“É curioso observar o fato de Manaus registrar um estranho fenômeno que, até hoje, ainda não mereceu uma investigação mais detalhada por parte de historiadores e sociólogos: a tradição das danças internacionais nos bairros de periferia da cidade”. (XAVIER, 2002, p. 171).

Estas danças carregam inúmeros signos advindos de comunidades árabes que emergiram em Manaus. Pessoas, famílias e atos que fizeram os imigrantes serem construtores de uma história que foi além do comércio, influenciadores de manifestações contagiantes, acabaram por expandir seus costumes e crenças e mantiveram viva a história de um povo. Mesmo tão distante do seu lugar de origem, talvez não fosse tal a intenção, porém foi uma herança atemporal.

Essa manifestação se aprimorou, se modificou, permanecendo o que mais forte poderia ter, a vontade de celebrar a cultura. Com o passar dos anos, ainda sem certa definição, passaram a ser chamados de Danças Internacionais. Grupos foram se constituindo, moldaram-se, dividiram-se sempre buscando como referência as histórias e cultura dos imigrantes. Assim, por meio desta influência, os coreógrafos passaram a desenvolver formas de expressar essa cultura, passando a criar ou reproduzir passos de dança, cenários, e histórias cada vez mais elaboradas e ricas em detalhes.

Então, como em qualquer projeto a ser construído, começou a ser realizado um planejamento muito grande para o desenvolvimento dessas danças. Pesquisas por temas, por figurinos, por músicas, por movimentos, ensaios, gritos, coreógrafos, um extenso estudo que envolve inúmeros aspectos para representar a cultura de um país.

Apesar de toda a dedicação, muitos dos envolvidos não possuem amplo conhecimento na área da Dança, limitando-se a reproduzir informações adquiridas durante o processo.

É interessante observar que muitos grupos se dedicam a “reproduzir” danças oriundas do Oriente Médio. As razões por essa escolha se explicam, em parte, pelo fato de haver na cidade, várias comunidades provenientes daquela região, sobretudo a de sírios e libaneses, que foram os primeiros a se estabelecerem no sul do país devido ao processo de ocupação territorial que culminou na ampla política de incentivo à imigração, iniciada logo após a abolição da escravidão. (XAVIER, 2002, p. 171).

Os árabes de fato estavam presentes em cada canto de nossa cidade e estes seguiam suas tradições festivas, o que ganhou os olhares da população local. Então, o interesse em reproduzir, em se deixar contagiar pelas músicas e movimentos advindos do oriente médio, passou a crescer dentro das comunidades locais.

Para Xavier (2002) nas décadas de 1960, 1970 e 1980 estes costumes foram se espalhando em meio a cidade de Manaus, por diversas zonas e bairros da periferia, conquistando adeptos a estudarem a cultura e a praticarem suas manifestações. Com tantos grupos e pessoas envolvidas, seria necessário um local onde estes grupos pudessem se reunir, ensaiar, apresentar, competir e, até mesmo, planejar participações em festivais de danças populares pelo Brasil.

Com o crescimento deste fenômeno e a visibilidade que os grupos começaram a ter por meio dos festivais e apresentações pela cidade, a comunidade em geral passou a participar, surgindo grupos em diversas zonas de Manaus, como consequência Xavier (2002) afirma que surgiram mais de 200 grupos de danças folclóricas árabes.

No contexto destes grupos, os bailarinos, os coreógrafos e os coordenadores são pessoas que, na maioria das vezes, não percorreram o sentido técnico da dança. Ou seja, não fazem aulas de Balé, Dança Contemporânea ou Jazz, técnicas mais praticadas por adeptos das danças cênicas em Manaus. Eles são na maioria estudantes, curiosos ou buscam dançar algo. “Os seus executantes são em sua maioria estudantes da rede pública de ensino. Ao contrário dos adolescentes das classes média e alta, que podem custear estudos nas poucas academias de dança da cidade”. (XAVIER, 2002, p. 170). Com o surgimento do Curso Superior em Dança na Universidade do Estado do Amazonas, podemos afirmar que este cenário está mudando.

Atualmente, na Universidade do Estado do Amazonas já encontramos jovens vindos de danças internacionais que estão mudando esta realidade, pois, por meio do curso de Dança (licenciatura e bacharelado) possuem contato com aulas de balé, jazz, dança contemporânea, inclusive danças populares. Contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência corporal e aquisição de conceitos importantes e técnicas de dança que com certeza ajudarão em uma melhor evolução deste movimento artístico cultural.

Ainda assim, apesar de todo esse desenvolvimento, não existem estudos que possam trazer ao conhecimento da sociedade a dedicação que permeia os sujeitos envolvidos neste processo. Pelo fato de o pesquisador deste estudo ser oriundo destas manifestações culturais e artísticas, podemos registrar o seu interesse em discorrer sobre um dos mais expressivos grupos de dança deste meio, o grupo de dança Síria do Amazonas.

Muitos grupos surgiram em escolas públicas e bairros periféricos de Manaus. Neste contexto surge um festival que veio a tornar-se um dos mais expressivos meios de apresentação das manifestações culturais desta natureza na cidade, uma referência para as danças internacionais: o Festival Folclórico Marquêsiano.

Um festival que anualmente acontece no mês de junho, na Escola Estadual Marquês de Santa Cruz, abraça não só as danças internacionais, mas também regionais, modernas e tradicionais. Os grupos se preparam por meses até chegar a primeira etapa do festival, chamada de Triagem. Antes de realmente acontecer a competição este é o dia de encontro com tantos outros amigos e conhecidos que dão vida a esse movimento. A escola é tomada por inúmeros grupos fardados, todos prontos e ensaiados para mostrar o seu melhor.

Nesta etapa, Triagem, os grupos apresentam um trecho de sua dança na quadra da escola Marquês de Santa Cruz sob os olhos atentos de jurados, escolhidos especialmente para este momento. Isso acontece, porque nas edições mais antigas, havia muitos grupos interessados em participar do festival e não havia um período extenso para sua realização. Assim, foi necessário criar esta etapa para selecionar os grupos mais expressivos para participação no festival.

Toda essa paixão por danças internacionais começou em 1972, quando professores, funcionários e alunos da Escola Marquês de Santa Cruz, no bairro de São Raimundo, decidiram criar um festival folclórico para estimular o interesse pela disciplina Educação Artística e, ao mesmo tempo, incentivar a integração de todos os alunos em torno de uma atividade artística, que tivesse repercussão na comunidade. (XAVIER, 2002, p. 172).

Com passar dos anos o festival cresceu tanto que precisou de um espaço maior para realização do evento e, com o apoio da Paróquia São Raimundo Nonato, que fica ao lado da escola, a coordenação do festival passou a utilizar o campo do JAP¹

¹É uma associação local de jogadores, conhecido também como Campo da Amizade.

A festa conta com um grandioso número de público a cada ano, com visitas até de fora do estado. Segundo XAVIER (2002, p. 173) “a bailarina Márrika Gidali e o coreógrafo Décio Otero, da companhia Ballet Stagium, de São Paulo, pediram para assistir ao festival na primeira vez que se apresentaram em Manaus.

O sucesso das apresentações dos grupos era tão grande que passou a sair dos tablados de madeira para os palcos de clubes sociais, restaurantes, eventos das academiase na Mostra de Dança de Manaus. Ainda neste período o acesso à internet era mínimo e muito difícil, sendo assim as músicas e coreografias, eram vistas e estudadas por fitas cassetes, materiais cedidos justamente por imigrantes residentes em Manaus, que ficavam surpresos pelo interesse que havia em dedicar-se a tal ação.

Mesmo dentro de tanta dificuldade para estudo da cultura árabe e para o conhecimento e aprimoramento dos movimentos das danças, destacamos um importante nome nas danças folclóricas em Manaus, que com muito objetivo fundamentou-se e embasou seu conhecimento cultural para criar os primeiros grupos, José Gomes Nogueira, que atualmente, é professor no Instituto Federal do Amazonas. Ele pesquisou e encontrou valiosas informações e com elas a compreensão da dinâmica de movimentos que envolvem o Folclore Árabe, mais especificamente a dança Dabke².

A palavra Dabke tem como significado: “bater o pé no chão”. Os tetos planos nas casas eram feitos de troncos de árvores e cobertos com bastante barro e, em certa época do ano, este barro cedia precisando ser concertado. Então, o dono da casa chamava seus vizinhos para se juntarem sobre a laje e, assim, juntando as mãos, uma fila de pessoas saía batendo os pés sobre o teto a fim de consertá-lo. Com o passar do tempo este gesto acabou se tornando uma tradição e manifesto cultural. Dizem às histórias que o Dabke surgiu quando os camponeses se reuniam ao final do dia para festejar mais uma rotina de trabalho, agradecendo conquistas e colheitas. Mulheres preparavam as comidas, os homens tocavam seus Derbaks, e dada as mãos batiam os pés no chão, cantando o dala’annah – o canto Dabke enquanto outros batem palmas criando o ritmo apropriado. Esta dança Folclórica de celebração, tradicional entre povos árabes é executada em grupo por uma longa

²<https://www.bellydance.com>

cadeia de dançarinos homens e mulheres que se movem em círculo aberto, ou ao longo de extensa linha³.

A dança Dabke é uma dança tão forte que contagia a sua volta, cheia de coreografias complexas, pisadas de pés, grupos bem alinhados, gritos e euforia. Explora bem o espaço por meio de círculos, semicírculos, retas, tudo com bastante energia. Uma dança que simboliza a alegria, muito apresentada em festejos de casamentos. Muitas das vezes há um líder entre eles, chamado “AL LAWAR”, que deve ser a pessoa mais encantadora.

As suas músicas são repletas de pegadas desniveladas ao som dos mais diversos instrumentos regionais deste ambiente, com grande ênfase na melodia e ritmo em oposição à harmonia. Alguns instrumentos utilizados são OUD (em forma de meia pêra ou gota, instrumento de cordas), DERBAK (é um membranofone tradicional da música árabe, um dos principais instrumentos dos conjuntos árabes que, por fornece uma base rítmica, acaba sendo a estrutura para toda música) e o NEY (um instrumento histórico típico do Oriente Médio, presente até mesmo nos desenhos das tumbas no antigo Egito).

O compartilhamento destas informações pelos imigrantes árabes proporcionou o surgimento da Dança Dabke, tornando-se uma referência no meio das danças internacionais, pois era o que se tinha de novo, era o que se via de movimentação diferente. Isso tudo criou uma dinâmica onde a cada ano mais grupos apareciam, a partir de experiências compartilhadas pelos imigrantes.

“Outro grupo que explora o filão das danças internacionais é o Dabke, cuja característica mais forte são as coreografias libanesas. Durante muito tempo, as apresentações desse grupo se limitaram ao palco do festival do São Raimundo. Com a chegada do apoio da iniciativa privada e do Governo do Estado, o grupo passou a excursionar a partir de 1991, apresentando-se em festivais de outros estados. Em 1992, o Dabke representou o Amazonas no Festival de Dança do Mato Grosso do Sul, onde recebeu o prêmio de primeiro colocado na categoria dança a caráter”. (XAVIER,2002, p.178).

Essa história ainda não foi registrada, sobrevive carinhosamente no coração de quem a vivenciou, há pouquíssimos documentos, livros, ou artigos, que fortaleçam e comprovem o tal acontecido.

Entretanto, novos artistas passam a se interessar em contar estas e outras histórias e manifestações de outros países como Israel, Egito, África, Índia, Portugal,

³<https://www.revive.com.br>

Rússia, criando um legado fantasioso de pedaços do mundo, aqui no Amazonas, apresentando no Festival Folclórico Marquêsiano.

Este expressivo festival, também, passou por importantes períodos, com cenários exuberantes e coloridos, palcos grandiosos, atingindo capacidade máxima de público, chegando até ser transmitido em canais regionais. Importantes imigrantes palestinos, sírios e libaneses tinham acentos especiais para assistir às apresentações.

Ressalta-se que no festival passaram personalidades das danças internacionais nacional, como Ju Marconato, uma renomada bailarina de Dança do Ventre. Com o passar do tempo surgiram em Manaus professoras de Dança do Ventre e personalidades respeitadas como grandes coreógrafas.

A bailarina Adriana Amazonas que tem escola e companhia presente na cidade, a bailarina Maíse Ribeiro que foi fundadora da primeira Escola de Dança do Ventre em Manaus, a Casa de Isis, voltada a Dança Árabe, especificamente a Dança do Ventre. Isso já em um momento em que a dança do ventre ganhava mais espaço.

Em Manaus existem diversas companhias árabes que se mantêm resistentes ao tempo, companhias árabes de dança moderna, dança do ventre, palestinas ou Dabke. Existem aquelas que se destacaram nacionalmente em um festival intitulado MERCADO PERSA o maior Festival Dança Árabe no Brasil. Idealizado há mais de 20 anos pela Mestre Samira Samia, uma das precursoras da dança árabe no Brasil, o festival é uma grande confraternização entre praticantes de danças árabes, reuni em suas edições milhares de pessoas, é referência na área, atraindo todos os anos estrelas internacionais para o País. Hoje, já em uma nova geração é sua filha a também bailarina Shalimar Mattar que está à frente do festival⁴.

Entre esses grupos destacamos a companhia **EL FUNOUN**, dirigida pelo coreógrafo Anderson Lível, bi campeões no Mercado Persa; a companhia **AL KARAK** dirigida por Keilly Lobo e Maicon Muniz, este que já foi um dos padrinhos no festival Mercado Persa; a companhia **CARA-CALA**, que hoje é dirigida pelo bailarino Alex Serrão, a companhia **GAALD**, dirigida pela bailarina Jussara Regis, **LARRYCHY**, dos fundadores Genivaldo Nascimento e Dilce Soares, Dança Internacional **DEYR – RYASSYN**, do coordenador Alcimar Araújo Ferreira, Grupo **JORDÂNIA**, do

⁴<https://icarabe.org/node/2983>

coordenador Josimar Damasceno; Grupo **BALCHASMAN**, do coordenador Wanderlei, Grupo **SABRA**, dos coordenadores Nilson Leocádio, Fabiano Fayal, Graciete Socorro e André Cabral, Dança Internacional **FÊNIX**, dos coordenadores Poca e DNA da Gloria, **RUBAIYAT**, do coordenador Carlos Sidney, **DOHA** da coordenadora Grace Kelly, Grupo **AL-FALASTIN**, do coordenador Denis Monteiro, **BEIRUTE**, do coordenador Edmundo, **PALESTINA OLP**, do coordenador José Airton Lima, **FAQRA**, do coordenador André Duran, **SHAHURA**, do coordenador Celiomar e Eliney Chagas, e inúmeros outros grupos que de alguma forma não foi possível citar.

Muitos ou talvez todos esses grupos tenham nascido de formas inusitadas, vieram da quadra de um colégio, ou de uma conversa entre amigos, ou do quintal do “seu Chico”, ou de um integrante que saiu de um grupo e montou outro, porque isso era e é muito comum.

Pelo fato destas companhias participarem de festivais competitivos, a rivalidade está presente na relação entre elas. Há um fluxo migratório de bailarinos de um grupo a outro motivado pela dificuldade de relacionamentos ou até porque o ensaio de um grupo é mais próximo de sua residência, facilitando seu acesso. A rotatividade destes bailarinos nessa vertente de dança pode durar um longo período, até que se sintam confiantes ou confortáveis em construir uma nova história naquele grupo.

Entretanto, um dos maiores desafios nesta relação é a passagem dos bailarinos de um grupo para outro, motivados pelo egocentrismo. Bailarinos expressivos e com habilidade técnica são disputados e persuadidos a trocar de grupo por meio de promessas de realização de solos na nova companhia.

Esse sentimento de rivalidade e de competição nas danças internacionais tem influenciado de maneira negativa a evolução dos grupos, pois a maioria busca ganhar um troféu para ser considerado “melhor”, esquecendo-se do real sentido da manifestação cultural.

Diferentemente do egocentrismo há, também, aqueles que se dedicam ao máximo por amor ao grupo. Por compreender que em todo o início de algo, tudo é difícil, passando por ensaios em lugares não tão apropriados, com horários que se ajustam a folgas ou férias de bailarinos que tem seus devidos empregos e não levam a vida na dança como profissão, um início financiando por amigos, e

apoiadores que acreditam fielmente na ideia, alimentando uma resistência de sonhos que já dura mais de duas décadas.

Como não tínhamos verba para manter um elenco permanente, a construção dos primeiros trabalhos foi realizada com sacrifícios dos envolvidos, que trabalhavam em outros ramos no horário comercial e se disponibilizavam nos horários de intervalo para almoço e no período noturno para os ensaios. As verbas para produção dos espetáculos vinham da participação de cada um ou por meio de festas que organizávamos, somente numa ou outra ocasião contamos com o apoio de empresas locais, muitas delas gerenciadas por amigos que apostavam no trabalho que vínhamos propondo. (VELLOZO, 2015, p.161).

A cada ano novos grupos e novas propostas aparecem nos festivais, alimentando a esperança desse movimento cultural permanecer efervescente, reforçando a importância de toda essa trajetória.

Existe diversas outras companhias que não foi possível catalogar, mas destacamos aqui a mais sincera admiração pela incrível colaboração cultural que estes homens e mulheres deixaram, compartilhando conhecimentos que serão passados para futuras gerações.

Dentro de todo esse contexto existe um grupo que desde sua fundação segue presente e ativamente no palco, enfrentando desafios, falta de patrocínios, mudança de elenco, pandemia, transformações significativas e que é objeto deste estudo: o **Grupo de Dança Síria do Amazonas**.

3. METODOLOGIA

Metodologia é o estudo do método, ou seja, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa (GERHARDT e SILVEIRA, 2009 p.11).

Segundo Gil, pesquisa é definida como

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. (GIL, 2007, p. 17).

Depois de tais afirmações, especificamos essa pesquisa.

3.1. TIPOS DE PESQUISA

A classificação desta pesquisa foi de natureza e caráter básico, pois de acordo com Prodanov e Freitas “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista”. (2002, p.42), e assim foram obtidos registros fundamentados e bibliográficos referentes ao assunto abordado.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO E DA PESQUISA

Quanto aos objetivos neste estudo tratava-se de uma **pesquisa descritiva**, que segundo Silva e Menezes (2000, p.201), “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionários e observação sistemática”.

Assim, esta pesquisa visava descrever a história do Grupo de Dança Síria do Amazonas e sua importância no cenário cultural amazonense.

3.3. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

Esta foi a maneira pela qual obtivemos dados necessários para a elaboração do estudo que de acordo com seus pressupostos foi **bibliográfico** e **documental**.

A **pesquisa bibliográfica** foi elaborada a partir de materiais já publicados, como: livros, revistas, artigos, jornais, monografias, dissertações e teses. A **pesquisa documental** foi de acordo com Fonseca (2002, p. 32) recorrendo a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos, entre outros. “Podemos organizar informações que se encontram dispersas, conferindo-lhe uma nova importância como fonte de consulta”. (PRODANOV; FREITAS; 2013, p. 56)

3.4. ABORDAGEM DO TIPO DE PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi proposto a abordagem do tipo **qualitativa**, buscando compreender e interpretando opiniões, expectativas, sentimentos e percepções, afim de que fosse capaz de produzir novas informações.

Segundo Godoy (1995) algumas características básicas identificam os estudos denominados qualitativos. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode

ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto o pesquisador foi a campo e captou vários tipos de dados que coletados e analisados geram o entendimento e a dinâmica deste fenômeno.

“A pesquisa qualitativa tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno”. (POLIT, BECKER e HUNGLER, 2004, p.201).

3.5. MÉTODOS DE COLETA

Na pesquisa foram escolhidos os seguintes métodos para a coleta de dados: **entrevistas** com perguntas abertas, que foram direcionadas a 02 coordenadores. Um **diário de campo** com anotações durante as entrevistas que foram aplicadas de forma individual, com registro por meio de um gravador de voz.

3.6. PARTICIPANTES

02 Coordenadores de diferentes décadas foram entrevistados por meio de um roteiro de perguntas abertas, com o interesse de compreender melhor como o Grupo de Dança Síria do Amazonas se especializou e alimentou a dança árabe no Estado.

3.7. INSTRUMENTOS

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado:

- Roteiro de perguntas abertas;
- Vídeos;
- Fotografias;
- Diário de campo;
- Gravação de áudios

3.8. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Minayo (2012) afirma que a análise e interpretação de informações geradas no campo da pesquisa qualitativa, devem estar articuladas entre o material coletado, aos propósitos da pesquisa e à sua fundamentação teórica.

Desta maneira, os dados coletados foram analisados qualitativamente. Quando relativo a documentações indiretas, concernentes de documentos de fontes secundárias, e bibliografia, foram concebidas as etapas:

- a) Leitura do material disponível;
- b) Identificação das informações;
- c) Sistematização das informações identificadas;
- d) Utilização das informações relevantes para elaboração do trabalho final.

4. GRUPO DE DANÇA SÍRIA DO AMAZONAS

O Grupo de Dança Síria do Amazonas foi fundado no ano de 1992 e realizou sua primeira exibição em 1993. Teve como referência as produções artísticas dos Grupos de Dança Dabke e Palestina (OLP,) de Manaus.

(Entrevista Rosimeire) você sabe como é dançarino e que eles sempre estão insatisfeitos com alguma coisa. Berna que na verdade se chama Ribamar era um dos coordenadores da Jordânia que tinha o contato do Seu Khaled que era o cônsul da Síria, porém nessa conversa em que ele estava em busca de patrocínio para a Jordânia o seu Khaled relatou que era mais viável conseguir um patrocínio para a dança Síria, até porque não tinha nem um grupo com esse nome.

Do nascimento da síria provocado pelo seu Khaled a proposta do Fabio e Claudio para Rosimeire, formou-se a primeira geração da Síria. Berna cuidava dos figurinos, seu Khaled patrocinava, contava histórias e ajudava de diferentes modos, houve também as desavenças de coordenadores, saídas e entradas, iam seguindo em frente com o grupo quem de fato acreditava no sucesso dele que durante os anos foi se desenvolvendo. Em 1995 mesmo que julgado por alguns como um absurdo tiveram uma ideia, juntando as dificuldades e uma múltipla vontade de não parar de dançar uniram forças com outro Grupo Folclórico chamado Bal-abak (também de Manaus) o que não sabiam é que a partir de 1995 seus projetos alicerçados em estudos e pesquisas, seria uma extensão cultural árabe no Estado do Amazonas. Sobre isso Xavier afirma que houve.

A fusão do conjunto árabe com o Bal-abak, grupos rivais praticantes da Dança Síria. Assim, os 12 pares de dançarinos do grupo liderado por José Ribamar se uniram aos 14 pares do Bal-abak, coordenado por Waldir dos Santos Barbosa Junior. Comprovando que unir esforços dá bons resultados. (XAVIER, 2002, p. 177).



Figura 1. SÍRIA 96

Ao longo de anos que já contabilizaram mais de duas décadas de história, muito dos coordenadores foram se afastando por conta de suas vidas permanecendo apenas o Waldir Junior que tornou o Grupo Síria do Amazonas referência face ao seu estilo de trabalho e de sua postura diante do público. Por conta dessa seriedade o grupo conquistou inúmeros títulos em diversos festivais folclóricos e eventos culturais em Manaus e em outros Estados.

Em 25 anos o grupo obteve grandes conquistas, realizou diversos espetáculos, passaram vários bailarinos e coreógrafos, inúmeras gerações se envolveram na construção deste que, até hoje, segue sendo um dos poucos grupos resistentes a toda falta de apoio. Passaram por momentos ápices dentro das danças internacionais, onde uma audição para a síria era motivo de mexer com o bairro inteiro, bailarinos em sua veracidade se dedicavam para fazer parte daquele que era um dos melhores grupos do estado, e os coordenadores tinham difícil tarefa de após os testes coordenar uma temporada inteira de espetáculos, viagens ou quaisquer que fossem os compromissos do Grupo Síria.

(Entrevista Waldir Junior) Para executar essas tarefas a gente tem uma equipe específica para os figurinos, aí tem ano que é específico só feminino e outra equipe pro figurino masculino, mas claro sempre linkando, olha essa roupa casa com essa, encaixa no tema que está se propondo, aí tem a

equipe de coreógrafos que geralmente a gente forma para fazer as pesquisas, buscar músicas e aí claro tem essa preocupação né, que ao longo dos anos a gente vem amadurecendo nesse sentido para fazer com o que o trabalho por mais que seja criticado mas que seja de maneira positiva. Lá atrás a gente já foi motivo de crítica então vamos aprendendo, até porque antigamente eram poucas fontes, hoje a gente já tem um universo de fontes não há necessidade mais de fazer por fazer.

Nos palcos dos anos 90 facilmente você veria a Síria que fazia os olhos femininos e masculinos brilharem, a dança árabe tem disso, de chamar atenção com figurinos que reflete a sensualidade feminina e autenticidade masculina.

A peculiaridade da cultura árabe e as vestimentas com muitos tecidos finos e adereços são refletidas nos temas, nos cenários e nos figurinos de suas apresentações, o que requer um expressivo investimento. Entretanto, assim como a maioria dos grupos folclóricos, este é um grupo sem fins lucrativos, às vezes conta com patrocinadores e, na maioria das vezes, é financiado pelos próprios bailarinos, que realizam eventos para arrecadar recursos para os materiais necessários.



Figura 2. SÍRIA 97

As danças étnicas árabes reproduzidas fora do oriente próximo apresentam coreografias nas quais as mulheres podem exercitar a sua sensualidade com mais frequência, utilizando tecidos diáfanos que revelam porções generosas de suas partes íntimas. Além disso, o luxo é um elemento sempre presente: pedras de strass, purpurina, bordados, fios de ouro e outros tipos de adorno são aplicados em tecidos caros, tais como veludo, cotelê, seda, cetim, brocados etc.. (XAVIER, 2002, P.172).

Para muitos daqueles que já foram platéia, ter a oportunidade de prestigiar um grupo de dança folclórica internacional de Manaus ao vivo é uma das experiências mais emocionantes que um estudioso dessa arte pode ter⁵. Pois de fato os grupos investem muito em vestimentas de tecidos brilhosos e joias que os próprios bailarinos criam, coreografias bem elaboradas, com grande exploração do espaço e muita sincronia.

Tudo que este universo dançante abraça é muito das mais diversas expressões artísticas que a própria síria oferece, dentro da dança, da música, da história, dos costumes. Ainda que muitos manauaras nunca tenham pisado na síria a síria estar entre nós, tudo isso porque os sírios que estiveram aqui não só pisaram como compartilharam o conhecimento cultural que veio em suas bagagens.

(Entrevista Waldir Junior) o seu Khaled nos adotou como membro da família digamos assim, pois quando eu ligava e dizia que estávamos querendo ir lá ele dizia, venha meu filho! Aí gente chegava lá e começávamos a ouvir as histórias dele, histórias do tempo da Síria, do tempo que foi regatão. Seu Khaled já apoiava financeiramente o grupo, a gente se baseava muito nos vídeos VHS que ele nos mostrava, perguntamos como é isso? Por que isso? E ele respondia, com o passar dos anos ele mandava buscar músicas para que o grupo tivesse novidades, então foram fontes fortes para embasar nosso trabalho.

De início claro não foi bem aceito o mergulho em uma cultura árabe, desde muito cedo a ignorância e o preconceito infelizmente já eram aliados, pois de repente estes manauaras buscam interesse em uma cultura de um país exótico, cheio de costumes, roupas e palavras estranhas, querem dançar como eles, se vestir como eles e dizer as palavras deles. Tudo isso de certa forma abria os olhos de pessoas que possivelmente não se sentiam tão bem com esse tipo de apropriação. Mas de certa forma era uma amizade e para o seu Khaled já eram parte da família, cuidavam um dos outros, ele enxergava aquilo como grandes homenagens, não via com olhos maldosos como tais pessoas tão críticas.

(Entrevista Rosimeire) o Bassam sobrinho do seu Khaled não falava português e então minha irmã Rita é quem ensinou ele a escrever o alfabeto em português, ela fazia o abecedário para ele em um caderninho e ele cobria como criança, aí quando íamos para o ensaio ele ia com o caderno e durante o ensaio ele treinava porque era muito ruim se comunicar com ele, na maioria das vezes era por mímica. Inclusive ele foi o paraninfo dela no magistério, então ela ajudou muito no desenvolvimento dele, porque ele ia buscava a gente nos ensaios.

⁵<https://www.bellydance.com>

Mas a Síria foi justamente um dos grupos que persistentemente mudou uma visão manauara, com o passar dos anos Manaus se tornou uma sede de danças internacionais, ditando um modelo de grupos e de formas a qual você não encontra em outros lugares no Brasil, o folclore contado e dançado no mundo das danças internacionais, tomou uma proporção de uma comunidade, competitiva, criativa, e respeitada pelas demais vertentes de dança no estado. Porém por que não temos registros de um fenômeno tão grandioso em nossa cultura? Facilmente você encontrará registros audiovisuais presentes no Youtube, muitos extremamente antigos que claro comprovam muito da história destes grupos. Alguns existentes documentos, certificados e fotos que são arquivos pessoais de cada componente, é como um filme de lembranças que eles mantêm guardado ali em suas gavetas, lembranças essas que dificilmente se encontra em um livro que de fato pudesse fortalecer o que chamamos de um fenômeno, onde seguiria uma corrente de conhecimento que facilmente já teria chegado a você.

Promover as atividades artísticas é uma forma de contribuir para a elevação espiritual da sociedade e para o florescimento de uma nova consciência – criativa e cidadã. Acreditamos no poder regenerador da arte e na força criadora dos artistas como elementos indispensáveis para o cultivo da esperança e a transformação positiva dos seres humanos e da vida. (NOBRE, 2002, p.07).

Assim como qualquer companhia profissional, semi profissional e até mesmo amadora o Grupo Síria de Dança tornou-se uma família para seus inúmeros bailarinos, assuntos muitas vezes não abordados em casa é conversado ali, com aquele coordenador que vem se tornando uma espécie de pai, com aquele ensaio que virou um lar. Relacionamentos nascem ali, sexualidades são discutidas ali, novas famílias nascem ali, não é exagero afirmar que grupos como a Síria combatiam a depressão, a ansiedade antes mesmo de saberem o que é, tornaram aqueles meninos e meninas pessoas com responsabilidades. Muitos saíram do grupo ao conseguir um emprego, trabalhos pelo qual seguem com êxito por conta de suas experiências artísticas, seja na forma de se habituar as regras ou de serem criativos e astutos em seus objetivos.

(Entrevista Rosimeire) Esses grupos têm o poder de transforma as pessoas, imagina um grupo de jovens ali empenhados em conhecer outra cultura, adquirindo conhecimento. É uma forma de tirar esses jovens das ruas impedindo de eles se envolverem com a marginalidade, quando eu vejo bailarinos que fizeram parte da Síria que estão bem de vida! Eu fico feliz porque aprenderam algo dentro das danças, ocuparam suas mentes com

coisas boas. E o Junior como coordenador, se você olha para trás, quantos adolescentes que hoje são pais e mães estiveram naquele tempo sobre os cuidados dele, se basearam nos bons exemplos dele, você entende a importância de um coordenador? É uma formação de cidadania.

Grandioso também é o planejamento para a realização de suas produções, performances e espetáculos, isso dos menores aos grandes portes. São elaborações de figurinos, embasamentos coreográficos, gritos que servem para expressar os sentimentos de festa, força e até tristeza, contando histórias reais, ou contos e lendas de reis, rainhas, príncipes e princesas até mesmo deuses que de fato dão o rumo de suas produções, tudo isso regado de muito ensaio, repetições que fortalecem uma parte técnica digna de sincronizações e efeitos visuais. E de forma realista se precisa de recursos financeiros para dar vida a estes tantos trabalhos, para se ter ativo o grupo e alcançar os passos almejados, pois com a falta disso muitas vezes o grupo não estréia quando deveria, o que provoca uma alta demanda de grupos que elaboram diferentes formas independentes de produzir recursos financeiros para se auto patrocinar, tornando-se seus próprios financiadores.

O processo de montagem de um novo espetáculo envolve um desgaste gigantesco, tanto de recursos e tempo quanto do trabalho artístico de ter de adequar-se a esse calendário anual, pois nem sempre uma obra consegue ficar pronta nesse intervalo, provocando um esgotamento de verbas e possibilidades estéticas. (MARILA, 2015, p.174).

Como parte deste subterfúgio o Grupo Síria do Amazonas precisou se dedicar, se esforçar, e acreditar que a cada ensaio realizado uma nova produção surgiria, e que a cada performance, coreografia ou tema a companhia cravava seu nome entre o movimento das danças internacionais. Ensaios que muitas das vezes iam a partir de 6 horas por dia a cada final de semana, e aquela geração que suava a camisa, aos poucos iam cedendo lugares aos mais novos, ou permaneciam ali mas agora enquanto a bailarina ensaiava o seu filho estava ali, ou no colo, ou encima de um tecido improvisado ao chão com vários brinquedos, ou nos braços da mãe, ou de algum dos bailarinos, isso quando o pai não faz parte desse mundo, por que quando o pai é deste mesmo lugar a intercalação de responsabilidade passa a ser de fato dos dois, o que também rende o nascimento de uma família dentro grupo, depois que aquela criança cresce admirando e gostando da dança não demora muito e lá está ela, caminhando com suas próprias pernas, ou melhor dançando com elas. Mas de fato o ensaio é um momento de muita importância de

qualquer grupo, onde vai haver criações e experimentos que vão influenciar o rumo daquela produção, como vão descobrir o que funciona ou não funciona, como busca a certeza coletiva de que tudo vai dar certo, tudo isso se conquista ali nos ensaios.

O propósito do ensaio é o aprendizado. Ele é o período de tempo em que erros podem ser cometidos, em que se procura aprender e tentar novas maneiras. Somente com a prática podemos aprender o novo e transformá-lo numa parte natural de nós. Quando observamos um exímio profissional atuando numa determinada área, estamos olhando para inúmeras horas de treinamento. (HAY, 2011, p.142).



Figura 3. SÍRIA 2015

Ser, e construir uma história como a Síria construiu é sinal de muito ensaio, ensaio de vida e para a vida, ensaio de compaixão, de coletividade, de muita amizade, pois se quando nasce uma criança no grupo ela tem uma família, quando se nasce um grupo nasce uma família, nascem amigos, nasce um lar. Pois assim como coreógrafos estão ali para corrigir erros, coordenadores estão como pais ensinando e organizando os passos, passos que vão além do mundo da dança, que comprovaram e comprovam o que (MARILLA, 2015, p.149) fala, “pois, se precisa conhecer e, principalmente reconhecer, os diferentes e diversos jeitos de fazer e de existir da dança”.

E não a nada distante deste pensamento, pois durante os longos anos de Síria os mais diversos coreógrafos estiveram ali, se dedicando para cada música, cada apresentação, cada passo fosse executado com êxito. Reconhecer as diversas fórmulas, e pensamentos que estes artistas desenvolveram para tirar o potencial daqueles homens e mulheres que estavam longe de serem aqueles bailarinos de

academias que passam o dia em aulas, estudos e técnicas que vão fomentar o conhecimento deles. Essas pessoas não tiveram teoria, tiveram que se descobrir ali, na prática como se fazia dança, suaram, bateram cabeça e criaram espetáculos incríveis de dança em uma época rica em cultura árabe.

(Entrevista Waldir Junior) “Moandro Vieira, Edmundo Martins, Lindoval, Eduardo Amaral, André Paiva, Sandro Bleides, José Eliney. Foram diversos coreógrafos que trabalharam conosco ao longo do tempo, pegavam a música, criavam movimentos, se baseavam em nossas pesquisas e assim faziam seus trabalhos. Em um dos vários anos Sandro Bleides cuidava da parte feminina e José Eliney da parte masculina, quando achavam necessário entravam em um consenso “olha aqui precisamos fazer homem e mulher juntos” então criavam juntos os passos e depois juntos se colocavam a frente e passavam para o grupo. E aí na hora de forma exatamente o desenho eu pegava os botõezinhos azuis e outros vermelhos e escutando a música ia dizendo, oh acho que nessa hora vem para cá, e assim íamos montando o que chamávamos de evolução coreográfica, esse era o termo que a gente usava.

Atualmente o Grupo Síria já é registrado como personalidade jurídica, intitulado Instituto de Desenvolvimento Artístico Educacional e Cultural Manaós ou Instituto Manaós, com o seu próprio CNPJ facilitando de certa forma o apoio e a captação de recursos por meio de editais.

O grupo desenvolve trabalho social e possui uma equipe com divisão clara de funções que ajudam a direcionar o caminho a ser percorrido a cada temporada.

CARGO	FUNÇÃO
Coordenador Geral	Este é a espécie de diretor da companhia, o presidente, aquele que assumi a palavra final.
Coordenadores Administrativos	Na maioria das vezes é um equipe que administras os passos da companhia, as papeladas, agendas etc.
Coordenador Financeiro	O tesoureiro, aquele que cuida do dinheiro da companhia ou das formas de captura este recurso.
Coreógrafo	Ele acaba por assumir a postura de pesquisador, é quem criar as interações e direções do espetáculo.

Figurinista	É a pessoa que pensa na vestimenta do grupo, quem tem contato direto com os costureiros, e que pesquisa a importância de cada parte da roupa.
Ensaístas	De certa forma ajudam o coreografo a organizar e aprimorar as coreografias.

Com o passar dos anos algumas coisas modificaram, como ter uma pessoa para cuidar das mídias sociais do grupo, um treinador físico para cuidar da forma física do grupo, então novas especialidades foram aparecendo e contribuindo para um trabalho social mais completo.

Uma curiosidade é que criando um grupo não necessariamente que seja uma regra, mas existe uma fórmula, uma ordem coreográfica que todos os grupos usam, as vezes modificando a ordem, porém o trabalho se resume sempre em.

Entrada ou Desfile – Este que geralmente é utilizado para apresentar o grupo ao público. Ou dando destaque a roupa sendo um desfile mais contido em forma de Filão/trenzinho⁶, ou sendo uma entrada mais complexa e coreografada já dando uma ênfase a história a ser contada.

Primeira Parte ou Primeira Conjunta – geralmente é a primeira música a ser preparada, coreografada. E pode mudar o nome conforme o espetáculo for dividido ou pensado. As danças costumam fazer desta a sua melhor parte.

Segunda parte ou Segunda Conjunta – nem sempre há necessidade às vezes a dança traz e às vezes não, porém se trouxer e um momento assim como o primeiro onde o grupo inteiro homens e mulheres dançam juntos.

Feminina / Masculina – são momentos em que somente os homens ou as mulheres dançam, se é a feminina então só as mulheres estão em cena desenvolvendo o que diz respeito à parte dela, se é os homens as funções são a mesma é uma espécie de destaque para cada gênero.

Saída – é a parte final do trabalho, as danças procuram fazer algo apoteótico, a despedida, o grupo dança em conjunto e agradece ao público.

⁶É chamado assim, pois o grupo vem enfileirando um atrás do outro. Antigamente era pra mostrar a roupa, assim os jurados viam cada detalhe.

Dentro desta que é quase uma fórmula de fazer dança, a fórmula que a Síria também faz uso, tornou a base coreográfica de uma dança internacional, então facilmente ao saber dessa ordem você acompanhara tranquila a apresentação de um grupo, claro que entre essas partes alguns coreógrafos podem colocar solos, duetos ou até mesmo introduções para enriquecer o seu espetáculo.

Por exemplo, a Síria contém músicas importantes de íntimos significados que o próprio Seu Khaled transcreveu e revelou ao grupo, músicas que fizeram parte do repertório da Síria durante anos e até hoje são guardadas com muito carinho, aliás, não só guardadas como reutilizadas.

E assim como as músicas cada detalhe no figurino tem um significado tanto masculino quanto feminino, deixando o enredo e a dança ainda mais rica de informações, permitindo e não permitindo de tal sujeito usar algo.

O grupo Síria sempre buscou financiamentos para desenvolvimento das suas ações, principalmente, após um intercâmbio em um festival em São Paulo (Praia Grande) onde segundo o coordenador Waldir Junior “nos serviu para abrir a mente em busca de melhorias e potencialização do nosso Grupo”.

Mas como a própria coordenadora Rosimeire fala “eu queria que a Síria fizesse história, fosse uma das grandes, eu sempre soube que ela poderia ser tudo isso”. E de fato a Síria é um grupo histórico em nosso estado! Nem todos tiveram o privilégio e a oportunidade de ter fontes tão próximas e verídicas como eles, de se sentirem realmente abraçados pelo oriente médio, de serem responsáveis por inúmeras transformações pessoais e profissionais, de serem aclamados por toda uma geração. Levantar esta bandeira é agradecer com vigor o apoio do Seu Khaled Hauache e sua família, agradecer aos coordenadores Ribamar, Claudio, Fabio, Rosimeire, Rita, Waldir, Edilene e tantos outros que estão detalhadamente presente na entrevista completa, obrigado por tanta dedicação e resistência, por tantos espetáculos divinamente criados pelos já aqui talentosíssimos coreógrafos citados, pelos figurinos, cenários e pela arte árabe que o Amazonas presenciou e segue presenciando.

E como extensão de tudo isso a Síria criou seu próprio festival intitulado Síria Dança onde a proposta é justamente reviver toda essa essência e chama das danças árabes, mexendo com a cidade, provocando nascimento de novos grupos, propondo reviver coreografias antigas, resgatando e homenageando artista tão importante para esse movimento. O Grupo Síria ressignifica os princípios do Dabke

e chama a vizinhança para bater o pé no teto de barro e dançar, pois desta forma estende-se mais longos anos de dança árabe presente em nosso estado. Herança deixada por aqueles que aqui vieram desbravar a vida, como dizem os árabes SHUKRAN JAZILAN!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o início desta pesquisa constatamos dificuldades e dúvidas que nos levaram a estudar e nos aprofundar sobre a cultura Árabe no Amazonas, mas especificamente a história do Grupo Síria de Dança. A fim de conter registros de como um grupo entre tantos conseguiu se manter presente nos festivais da cidade, conhecendo os atores sociais que construíram/constróem a história deste grupo. Levando-nos a identificar que nossas respostas partem de uma herança cultural advinda do oriente médio, provocadas pela imigração dos sírios e libaneses que aqui chegaram na época do Ciclo da Borracha.

Atingimos tais objetivos ao analisar e catalogar a história deste grupo cultural, identificando na fala de seus coordenadores por meio da coleta de dados que todo um ciclo familiar com os árabes surgiu dos seus desejos culturais de se fazer presentes nas mais diversas celebrações folclóricas do nosso estado.

Entendendo toda a representatividade, e descobrindo os apoios econômicos, sociais e políticos que um grupo como este tem acesso, salientando os caminhos e decisões que são necessárias para fortalecer um discurso de defesa, a cada produção que o Grupo prepara anualmente para recolher recursos do poder público, engrandecendo, e aliviando os gastos financeiros de um trabalho social prestado a tantas comunidades. População essa que se encontra dentro do grupo, como pais, apoiadores e as próprias famílias árabes, trabalhando de forma coletiva em figurinos, dança e pesquisa resultando em um produto final.

Levando-nos a enxergar as limitações que enfrentamos por não poder de forma metodológica chegar à voz de todos esses atores sociais, ainda estamos enfrentando uma pandemia do Coronavírus (COVID-19), sendo assim para coletar os dados foram necessárias entrevistas de forma virtual por via Google Meet. Havia também um desejo de registrar o histórico do festival Marquêsiano, o que não foi possível justamente por estarmos em um ano atípico.

De forma técnica se declarou o não conhecimento da dança academicamente estudada e sim o embasamento em vivência real dos próprios árabes, da colaboração de músicas, histórias e vestimentas advindas da própria Síria, o que acabava por extrair o melhor de todos, informações que os coordenadores entrevistados impõem com orgulho as décadas vividas.

Possibilitando-nos afirma que grupos como a Síria carregam um forte potencial cultural dentro de nosso estado, transformam vidas e formam novos aqueles cidadãos ali presentes. Dentro do seu dia a dia os mais diversos participantes elaboram tarefas administrativas, econômicas, psicológicas, educativas, de saúde e tantos benefícios. O que na fala dos aqui exaltados se constatou um rumo de vida, um surgimento de famílias, um profissionalismo de professores, produtores e coreógrafos.

E por fim uma reflexão de auto dedicação. São pessoas que não vivem mais sem este movimento folclórico, mas que exercem suas fusões por e com muito amor, sem fins lucrativos, sem ajudas de custo pessoais, mas com autos retornos e realizações artísticas, que com suas dificuldades ainda entregam anualmente produções a serem apresentadas nos quatro cantos da cidade.

Existe uma relevância deste jovens/adultos a serem instigados a buscar tantos objetivos, a correr para realizar tantos sonhos, regados de sentimentos, emoções e muito querer. A veracidade de momentos positivos e negativos que dão o ar humano da causa, gerando assim a longevidade que o grupo ganhou.

Permito-me aqui recomendar acreditando e almejando mais pesquisas sobre as danças internacionais, que o pesquisador procure se aprofundar na história de mais do que um grupo se for possível, que entreviste muitos outros contribuintes do grupo, precisamos da voz ao folclore dentro de nossa universidade. Busque o (Festival Marquêsiano) e como bailarino de dança internacional lhe indico o aclamado (Encontro de Danças do Beco do Macedo) coordenados pela Lea Vasconcelos e o Marcelo Viana, este que atualmente se consiste como um dos principais festivais de competição das danças internacionais no Amazonas, acredito também ser importante o relato de bailarinos que já tiveram o intercâmbio com o Mercado Persa o maior festival de dança árabe no Brasil. E dessa forma damos continuidade com a nossa contribuição em um movimento atemporal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONACCIO, Gaitano. **A colônia árabe no Amazonas**. 2ª ed. Manaus: Direitos reservados ao autor: 2000.
- ARAGÓN, Luis E.; EMMI, Marília Ferreira. ***Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira(1850-1950)***. Belém: Editora do Núcleo de Altos Estudos Amazonicos da Universidade Federal do Pará, 2013.
- BUARQUE, Aurélio. **AURÉLIO**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- CARONE, Renata. **Dabke – origem da Dança Libanesa**. Revide, Ribeirão Preto, 2012.
Disponível em: <https://www.revide.com.br>. Acesso em: 28 de mai. de 2019.
- FONSECA, João. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas SA, 2008.
- GODOY, Arlida Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, 1995.
- HAY, L. L, **Você pode curar sua vida: como despertar idéias positivas, superar doenças e viver plenamente**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.
- Mercado Persa. Instituto da Cultura Árabe – ICarabe**, São Paulo, 15 de mar. de 2017. Disponível em: <https://icarabe.org/node/2983>. Acesso em: 11 de jul. de 2021.
- NOBRE, Jadson. **Depois da chuva**. Manaus: Editora Valer, 2002.
- POLIT, D. F; BERCK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PRODANOV, Cleber. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. RS: Feevale, 2013.
- SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

STAEVIE, Pedro. **Imigração estrangeira, economia e mercado de trabalho na Amazônia brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX**. SP: Universidade Federal da Integração da América Latina, 2018.

SUZANO, Diário. **Nossa Senhora do Líbano. Diário de Suzano**
Disponível em: <https://www.diariodesuzano.com.br/colunista/nossa-senhora-do-libano/36548/>. Acesso em: 09 de jul. de 2021.

THEDIM, Pedro. **ARABESCO**.
Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arabesco>. Acesso em: 09 de jul. de 2021.

VELLOZO, Marila; GUARATO, Rafael. **Dança e política: estudos e práticas**. Curitiba: Kairós Edições, 2015.

XAVIER, Adalto. **Dançando conforme a música**. Manaus: Editora Valer e Governo do Amazonas, 2002.

ZAYN, Aziza. **Folclore árabe em Manaus. Belly Dance**, 2016.
Disponível em: <https://www.bellydance.com>. Acesso em: 06 de jun. de 2019.

ANEXOS

HISTÓRICO DO GRUPO SÍRIA DO AMAZONAS



Presidência

Secretaria de Estado de Cultura
ESTADO DO AMAZONAS

Apoio Cultural

C.E.C. Sorãinha Neto Vespú
C.E.C. Zélio Rodrigues Assis/Chã

Secretaria de Estado de Educação
E. E. Antônio Manoel
ESTADO DO AMAZONAS

Centro Cultural Dabke Síria do Brasil
Comitê Dabke Síria no Amazonas

Seminário Municipal de Manaus
CERTEZARIS DIA

MANAUS 2017
PREFEITURA DE MANAUS

WAWAAR
PILUM
SILVIA
amazonas

ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURA
CONTRA O TRABALHO INFANTIL!
DISQUE DENÚNCIA: 100

Histórico do Grupo de Dança Síria do Amazonas
(síntese)

O Grupo de Dança Síria do Amazonas foi fundado no ano de 1992 e realizou sua primeira exibição em 1993. Teve como referência as produções artísticas dos Grupos de Dança Dabke e Palestina (OLP) de Manaus.

Em 1994, Irmanoú forças com outro Grupo Folclórico chamado Balabak (também de Manaus) e a partir de 1995 veio realizando seus projetos alicerçados em estudos e pesquisas, difundindo a cultura árabe no Estado do Amazonas.

Ao longo dos anos, que já contabilizaram mais de duas décadas de história, o Grupo Síria do Amazonas se tornou referência face ao seu estilo de trabalho e de sua postura diante do público.

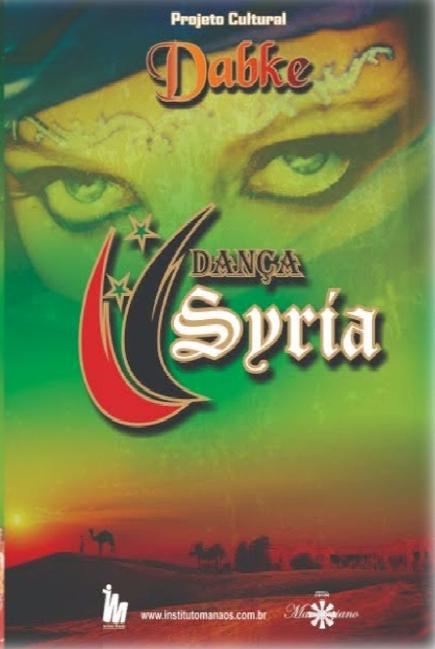
Por conta dessa seriedade com que vem realizando suas produções, o grupo conquistou inúmeros títulos em diversos festivais folclóricos e eventos culturais na Cidade de Manaus.

Sua participação e contribuição também foi bastante significativa nos municípios do Interior do Amazonas, como Iranduba e Itacoatiara, e em outras cidades brasileiras (Boa Vista/RR e São Paulo/SP).

Sem dúvida, além da importância artística que vemos em cada espetáculo exibido, há por trás desse processo de criação e produção a grande relevância de ter proporcionado aos mais de 200 voluntários, porém protagonistas dessa história, um verdadeiro aprendizado na arte, na educação, na cultura... Na VIDA!

Projeto Cultural
Dabke

DANÇA
Syria



www.institutomanoas.com.br

PROJETO CULTURAL DABKE - danças dos povos árabes

O Projeto Dabke consiste na produção de um espetáculo de dança cuja finalidade é a realização do resgate da cultura e do folclore árabe bastante difundido no Estado do Amazonas por diversos grupos de danças folclóricas e etnológicas de Manaus.

Para isso, o Grupo de Dança Síria do Amazonas procura mostrar em suas apresentações coreografias que foram evidenciadas pelo próprio grupo, bem como pelos grupos Palestina, Dabke, Cedro do Líbano, Balabak, entre outros.

Além do estilo *dabke* (dança com características de bater no chão com os pés), outra importante dança da cultura árabe, exaltada no presente projeto, é a "raqs sharqui" (dança do oriente), popularmente conhecida pelo nome de dança do ventre. Seu estilo varia conforme a musicalidade e o uso de roupas, acessórios e instrumentos musicais utilizados.

Dessa forma, o Grupo de Dança Síria do Amazonas contribui com o resgate dessas artes milenares, que são as danças dos povos árabes.

CONTEXTO E FUNDAMENTOS DA APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA DA DANÇA ÁRABE-SÍRIA

A apresentação artística da Dança Síria irá evidenciar dois estilos de dança árabe no decorrer de sua exibição. Uma delas é a dança *dabke* e a outra a dança do ventre.

A palavra *Dabke* tem como significado bater no chão com o pé.

A dança nasceu a partir de um movimento de trabalho, onde os homens da

comunidade se uniam para preencher as rachaduras que acabavam sendo abertas nos telhados das casas devido ao calor do verão. Telhados estes eram planos e feitos de ramos cobertos com barro.

Durante essa estação, os homens subiam nos telhados e de mãos dadas, formavam uma fila e batiam os pés enquanto caminhavam no telhado para preencher as rachaduras com o barro antes da chegada do inverno, e assim evitar que entrassem a água da chuva.

Inicialmente, o *dabke* era dançado apenas por homens. Mas, com o passar do tempo, a participação feminina veio ficando cada vez mais evidente. Hoje, o *dabke* já é dançado por grupos masculinos, femininos e pelos dois juntos, os quais formam e executam coreografias lado a lado, de mãos dadas e, muitas vezes, "ombro no ombro", formando rodas, meias-luas ou linhas retas, com saltos e batidas fortes com os pés no chão, aos gritos de "heidi" (expressão de alegria).

O *dabke* acabou se transformando em ritual dançado por toda família nas celebrações e festas de casamento, aniversários e outras eventos como espetáculos de danças realizados em palcos nos festivais em todo o mundo.

A dança é acompanhada musicalmente pelo *derbake* (espécie de tambor pequeno em forma parecida com funil), *nay* (flauta longa de bambú), *mijwiz* (flauta dupla de alta diapasão) e o *tabee* (tambor redondo com couro de cabra de ambos os lados).

Hoje em dia, já observamos o acompanhamento de outros instrumentos como *daff* (uma espécie de pandeiro), guitarra, teclado, etc.

O figurino dos homens é composto tradicionalmente por calça em estilo

shiruel ou *bufante*, com ou sem: faixa na cintura, coletes ou jaquetas; blusa de mangas compridas e botas. Na cabeça usam o *turbush*, um pequeno chapéu usado comumente por muçumanos, com uma faixa amarrada junto à testa; ou sem nada na cabeça; ou ainda, com o *kefeyeh* (conhecido como *hatah*). Também é comum os homens dançarem usando o *mazboho*, "um colar contos" (uma espécie de torçal), ou um lenço ou pedaço de pano torcido que é girado no decorrer da apresentação.

As mulheres geralmente usam vestidos ou túnicas e os cabelos cobertos ou não por um véu; *kale* ou um lenço em volta da cintura; às vezes, bijuterias no pulso e/ou braços; e sapatos (ou sapatilha apropriada).

Do mesmo modo, observamos que as mulheres da dança do ventre (outro tipo de dança árabe que veremos na apresentação da Dança Síria) também se vestem de forma semelhante a praticada no *dabke*.

Porém, há na dança do ventre diversos estilos em que a mulher usa um traje mais sensual (devido sua origem), juntamente com elementos e acessórios como véu, *kale*, bastão, espada, *snujs* (castanhola árabe), entre outros.

Entre as diversas histórias sobre o seu surgimento a mais aceita delas diz que a Dança do Ventre surgiu no Antigo Egito, em rituais, cultos religiosos, onde as mulheres dançavam em reverência as deusas.

Sendo assim, o espetáculo ora apresentado possui coreografias do *dabke* e do *raqs sharqui*, evidenciando características de cada tipo de dança, e divulgando a verdadeira expressão do folclore e da cultura árabe.

APÊNDICES

**Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Curso de Dança**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa intitulada _____, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) _____ e sob orientação do professor GETÚLIO HENRIQUE ROCHA LIMA. Este estudo compõe a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso do referido acadêmico que pretende investigar a _____.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de um roteiro de entrevista baseado na metodologia _____. Ou seja, sua entrevista será registrada em gravador de voz e passará, primeiramente, por transcrição literal e, em seguida, os dados relevantes passarão por um processo de textualização, no qual serão trabalhados alguns elementos próprios da conversa informal, como a supressão de palavras repetidas e de vícios de linguagem oral, expressões usadas incorretamente, de modo a tornar o texto mais claro e compreensível, obedecendo às orientações da escrita formal, para fins de estudos, pesquisas e publicações. Você receberá uma cópia impressa da transcrição literal e uma cópia digital em CD-R para que possa conferir o documento produzido.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem ocorrer caso os resultados da pesquisa não respondam aos objetivos propostos. E, se as informações coletadas forem utilizadas para outros fins que não sejam os estritamente relacionados à pesquisa. Porém, ressalta-se que estas informações serão tratadas com sigilo e o devido rigor científico, o que pode impedir de tal risco acontecer. Caso aconteça algo dessa natureza durante o processo de desenvolvimento da pesquisa os informantes terão a liberdade de optar pela desistência ou sugestão de mudanças na investigação. E também será publicada nota de esclarecimento em mídias digitais ou impressas. Se você aceitar participar, estará contribuindo _____.

Se depois de consentir em sua participação o (a) Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Ressaltamos que pretendemos elaborar publicações sobre os resultados alcançados na pesquisa para serem apresentadas e discutidas em eventos científicos locais, regionais, nacionais e internacionais.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador _____ no _____ endereço _____, pelo telefone (____) _____, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UEA. Para quaisquer informações, fica disponibilizado o endereço do CEP da Universidade do Estado do Amazonas à Av. Carvalho Leal, 1777 - Escola Superior de Ciências da Saúde, 1º andar, Cachoeirinha – CEP 69065-001, Fone 3878-4368, Manaus-AM.

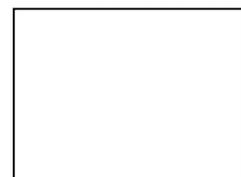
CONSENTIMENTO

Eu,

_____, li, tomei conhecimento, entendi os aspectos da pesquisa e, voluntariamente, concordo em participar do estudo, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, cedendo as informações disponibilizadas na entrevista sem que nada haja de ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem, som de minha voz, nome e dados biográficos revelados, além de todo e qualquer material entre fotografias e documentos por mim apresentados. Estou ciente de que não vou ganhar nada e que posso sair antes ou depois da coleta de dados. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: ___/___/___



Assinatura do Pesquisador Responsável

Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

ROTEIRO DA ENTREVISTA

DATA ____/____/____

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: _____

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo Geral

Registrar a história do Grupo Síria do Amazonas

4.2 Objetivos Específicos

Compreender como se deu a migração de povos do Oriente Médio para o Amazonas, por meio da bibliografia, das entrevistas e de documentos que tragam informações sobre a migração;

Conhecer, por meio de relatos e documentos, a história do Grupo Síria do Amazonas, por meio de entrevistas, documentos e registros do grupo.

Questões históricas

1. O que você conhece sobre a migração de povos árabes para o Amazonas? Como ocorreu? Porque aconteceu?
2. Como, quando e por que o grupo de Dança Síria do Amazonas foi criado?
3. Quem foram os fundadores do grupo de Dança Síria do Amazonas?
4. Estas pessoas que fundaram o grupo ainda estão de alguma maneira, contribuindo com o grupo?
5. Quando e onde foi à estréia do grupo?
6. Após a criação do grupo o que vocês fizeram para conseguir bailarinos e onde vocês realizavam os ensaios?
7. Quais atividades vocês realizam a fim de conquistar novos adeptos?

Questões artísticas/culturais

1. Vocês realizam pesquisas para a criação dos espetáculos do grupo? Caso afirmativo, como são desenvolvidas estas pesquisas?
2. Quando falamos em pesquisa em dança folclórica, estamos nos referindo em tudo aquilo que pode contribuir para a construção de um espetáculo, neste sentido, quem

são os responsáveis pela pesquisa, coreografia, gestual, indumentária, trilha sonora, iluminação e cenografia dos espetáculos?

3. Quais os festivais que o grupo já participou e quais títulos foram conquistados?

4. Um dos mais importantes festivais folclóricos do Amazonas é o Festival Folclórico Marquesiano, em sua opinião, o que este festival representa para o grupo e para os demais grupos de danças internacionais?

5. O grupo ou algum integrante do grupo já realizou intercâmbio com algum grupo de dança popular da Síria ou já esteve no país?

Questões políticas e econômicas

1. As famílias árabes que residem no Amazonas são, ou foram em algum momento, apoiadoras ou financiadoras do grupo?

2. Existe algum tipo patrocínio para o grupo?

3. Existia ou existe alguma ajuda de custo para o grupo e para os integrantes?

4. Como vocês conseguiram e/ou conseguem manter o grupo ativo até hoje?

5. Qual a relação entre os grupos folclóricos do Amazonas com o poder público municipal e estadual, visto que existem apoios financeiros para a participação nos festivais folclóricos municipais e estaduais?

6. O grupo de Dança Síria do Amazonas participa ou já participou de editais culturais locais, nacionais e internacionais?

7. Você considera que estes editais de fomento são importantes para o desenvolvimento de grupos como a Síria do Amazonas?

Questões gerais

1. Visando contribuir ainda mais com esta pesquisa quem você indicaria para participar de nossa entrevista, seja integrante ou ex-integrante do grupo?

2. Existe alguma informação que nós não conseguimos acessar nesta entrevista e que você considera importante sobre o grupo de Dança Síria do Amazonas e que poderia contribuir com este estudo?

Os grandes arquivos da humanidade continuam sendo os depoimentos de pessoas que viveram a época. Os papéis transmitem muito informes, mas não deixam aparecer, através do brilho dos olhos. As fotos imóveis que nos dão a ideia do fato, não são tão emotivas e nítidas como as silhuetas que surgem no espírito das pessoas que depõem sobre seu passado. A vida renasce quando ouvimos ou narramos os fatos, e morre novamente, quando apenas olhamos o passado. (ANTONACCIO, 2000, p. 76).

Histórias e percursos do Grupo Síría do Amazonas pelas palavras do Coordenador Waldir Júnior. Datado em: 20/03/2021

O que você conhece sobre a imigração de povos árabes para o Amazonas? Como ocorreu? Por que aconteceu?

Nesse mundo de dança em que vivemos, onde passamos a buscar informações e que influenciou muito nosso trabalho, foi com a família Hauache. O senhor Khaled Hauache e a senhora Sadie Hauache, casados foram fundadores da primeira emissora de televisão do Amazonas a TV Ajuricaba. E foi através desta família que fomos buscar informações relacionadas a como vieram para cá? Por quê? E tudo mais.

Então nas conversas com o seu Khaled ele sempre falava, e muita das vezes ele até repetia as histórias, e eu achava gostoso ouvi-lo ele e ela né, ambos. Infelizmente ano passado ele veio a falecer, nos deixou, mas também deixou um legado incrível para a gente. Bom, essa família e principalmente seu Khaled que veio da Síria em busca de novos horizontes, pois normalmente os povos árabes saem, vem e vão se deslocam migram para outro país por conta da guerra, conflitos religiosos, territorial, e com isso ele veio de lá mais a convite do próprio tio dele que já estava aqui, já a família síria dele chegou aqui no início do século passado. E no século XX, o seu Khaled chegou aqui no Amazonas praticamente lá por volta de 1946, para poder ajudar o tio. Na época já tinha aquela figura aqui na região norte, no Amazonas a figura do regatão, porque já era um costume dos imigrantes árabes se deslocarem de uma cidade, de um vilarejo, de uma aldeia para o outro, sempre levando mercadorias é assim como vemos nos filmes. Aqui não foi diferente, com essa turma todinha quando veio para cá, só que ao invés de se deslocar no meio do deserto o pessoal aqui tinha que ir através dos barcos, das embarcações que naquela época, antigamente ficou conhecido como regatões. Então ele foi um desses personagens da Amazônia cujo pseudônimo dava a eles o nome de regatão, então seu Khaled foi um regatão assim como o tio e outros também, outros árabes que vieram de lá de suas origens, do Líbano, palestina, para o Brasil, que é um país que tem uma receptividade incrível, todo mundo que chega aqui a gente recebe sempre de braços abertos e com os árabes não foram diferentes.

2. Como, quando e por que o grupo de Dança Síría do Amazonas foi criado?

Eu nasci dentro de uma comunidade chamada são Raimundo, de onde tem esse movimento importantíssimo chamado festival folclórico Marquêsiano. É aí como morador do bairro acabei me relacionando com essa festividade, com essa manifestação cultural e quando atingir certa idade já jovem eu fui convidado a participar de um grupo dentro do festival, e anos depois é que eu conheci outras pessoas, outros personagens do meio artístico No bairro da gloria maisprecisamente que já tinham o grupo chamado Síria, eu pertencia a outro grupo cujo nome era de balabak quando a gente teve essa relação grupo a grupo né, eu era do grupo balabak um grupo libanês e o grupo Síria já existia. Então em 1994 a coordenação de um grupo acabou conhecendo a outra é foi através dessa coordenação que a gente acabou conhecendo a família Hauache e o seu Khaled, então foram por essa troca, os meninos que fundaram o grupo Síria, por exemplo, já o conheciam e eu fui na tabela logo depois que me chamaram pra ajuda na coordenação, pra fazer parceria eu acabei em uma dessas visitas que eles sempre faziam na casa do seu Khaled fui apresentado ao mesmo, a família, e aí começou toda a história, praticamente com o passar dos anos o seu Khaled nos adotou digamos assim, como membro da família por que quando eu ligava pra ele "Olha estamos querendo ir aí com o senhor conversa e tal" e ele dizia " venha meu filho" aí a gente chegava lá começávamos A ouvir histórias dele , diversas histórias lá do tempo que ele era da Síria, e também do tempo que ele era do regatão É incrível, aí a gente acabou tendo essa aproximação. O seu Khaled inclusive era quem já apoiava financeiramente o grupo da Síria quando eu não estava, e aí assim quando eu entrei que eu passei a ser o coordenador geral da Síria né, a nossa relação ficou mais estreita, no caso com a família Hauache, daí só foi progredindo cada vez mais. Nas lojas, no comércio ali na Guilherme Moreira onde tem bastante libaneses e palestinos, sobretudo, então são povos árabes né, são descendentes desses povos árabes, são imigrantes que até hoje inclusive eles, principalmente os palestinos eles ainda têm uma relação com os grupos de dança daqui, apoiam investem e participam dos eventos.

Essas conversas que vocês travavam nesse momento inicial do grupo que tinham com a família Hauache, sobre essas histórias. Era justamente para vocês se alimentarem dessas informações da cultura e traduzir isso em dança? Como é que vocês conseguiram aprender os passos de dança?

Entender o formato de figurino, tecido que ia usar como vocês organizaram isso? Era a parti dessas conversas desses relatos? Tinham vídeos que eles mostravam para vocês, fotos ou algo assim?

No início o nosso trabalho didático, a metodologia dentro do grupo para criar ou para montar uma produção de dança era baseada muito nos vídeos, naqueles vídeos em fita casete, daquelas VHS antigamente né, e aí com o passar dos anos que os grupo de dança principalmente a gente a Síria, começou a ter essa aproximação direta com o imigrante no caso com os sírios, aí facilitou a conversa para poder a gente também nesse diálogo, nessas investigações, poder embasar todas as pesquisas que a gente fazia que era mais disso, somente do vídeo ou um relato de algum árabe então isso aí foi as Fontes que embasaram todo o nosso trabalho. Quando a gente conversava assim, e aí a gente perguntava olha isso, Como É isso, eles respondiam e a roupa só pode fazer se for assim. Aí tem aquela situação de que quanto ao figurino tem um figurino próprio para cada dança, tem aquele que você pode usar no dia a dia ou num casamento e assim a gente ia, agora o brasileiro você já sabe Como É, a gente acaba né colocando de uma forma mais, vamos supor glamurosa, ou a vestimenta, por exemplo, da dança árabe né do povo árabe já tem um certo glamour, aí a gente já coloca ao nosso modo, o nosso vê aí fica aquela coisa, às vezes até um pouco distorcida mais que eles acabaram aceitando de forma até natural, nem tudo que a gente faz nem tudo o que o grupo Síria, ou grupo determinado A ou B faz eles apoiam. Eles chegam lá e diz não está certo, muitas coisas já fizemos que eles não aceitaram, diziam junho olha o que tu fizeste aqui não tem nada a ver e essa aqui não é lá da Síria, isso aqui não é árabe. E aí até a gente explicar, dizer que professor é porque assim, a gente chegava com ele, olha seu Khaled a gente fez um trabalho assim, a gente sabe o que é essa música, que ela não é árabe, mas tem um fundo uma influência dentro do mundo da cultura árabe e aí como o tema está assim a gente acaba sempre ligando uma coisa com a outra né.

Eu entendo é o que a gente chama de liberdade poética né, essa questão artística nos permite fazer essa relação com outras coisas.

Exatamente! Então eles deram uma contribuição, aliás, sempre dão uma contribuição nesse sentido, fitas de vídeos que inclusive a gente recebia muito, até

porque a gente também solicitava dele “seu Khaled tem como o senhor conseguiu uma fita de vídeo para a gente.

As fitas de áudio também vinham dele? As de músicas que utilizavam para dançar antigamente?

O Bassam, eu não sei se o Bassam recebia dele, mas o Bassam chegou a fornecer para a gente esse tipo de material, aquela fita cacete né de áudio.

Como, Quando e por que o grupo Dança Síria do Amazonas foi criado?

Quando? Em 1992 a fundação do grupo Síria, nesse ano eu não integrava o grupo era de outro. Mas assim como o grupo Síria outros grupos na época surgiram, e sempre com o seguinte propósito dançar, se apresentar no Festival Folclórico Marquêsiano.

Que era ponto de referência certo?

Exatamente!

Era este o local que anunciava essas danças?

Isso exatamente é como a gente nasceu dentro da manifestação folclórica. Aí cada grupo que surgia, aliás, de qualquer dança né sempre visava naquela comunidade pelo surgimento, dançar, produzir um trabalho de dança para ir para o festival Marquêsiano.

Como surgiu o Grupo Síria?

Na verdade foi um grupo de jovens, como boa parte da turma na época era sempre morador do bairro da glória, São Raimundo ou Santo Antônio que são os três bairros de sempre, mais próximos e vinculados ao festival. Então houve a reunião de um grupo pequeno de jovens para dialogar trocar ideias, pensando “olha vamos montar um grupo assim como acontece”, como aconteceu, por exemplo, com nosso grupo balabak que eu cheguei a fundar, eu não fui o fundador da dança Síria, mas fui fundador de outro grupo. E esse surgimento e a forma como surge são sempre semelhantes, digamos estou participando de um grupo então vem um festival desse do Marquês aí chama os amigos mais próximos “ei bora montar um grupo, bora montar uma dança, eu gostei daquela dança” e aquela dança acaba sendo referência para montar a sua, por exemplo, a referência dos grupos daquela época

inclusive o que eu participava e o grupo da Síria, eles tinham na época como referência o grupo Dabke e o grupo palestino OLP daquela comunidade.

O grupo dabke da glória que surgiu no bairro da glória e o grupo palestino OLP que surgiu no Bairro do São Raimundo, que por sinal foram os dois primeiros grupos de dança árabe dentro do Festival Marquêsiano.

O grupo que você ajudou a fundar foi absorvido pelo grupo Síria?

Sim, em termos de elenco, é um fato curioso né, o grupo da Síria que tinha surgido em 92, mas a sua primeira aparição como dança foi em 93.

A gente acaba surgindo dali mais trabalhando para o ano seguinte, então surgiu em 92 para tentar dançar no festival Marquêsiano, na época nem chegou a conseguir esse feito.

Na época já tinha essa seleção?

Já.

Como existe hoje?

Exatamente, aí o grupo Síria existiu em 92 e apenas em 93 teve a sua primeira aparição. Eu estava na coordenação do grupo Balabak, aí quando terminou a temporada de 94 a coordenação do grupo da Síria me procurou, mas precisamente o professor José Ribamar me procurou, e aí propôs um trabalho em parceria para o ano de 1995, só que nessa negociação a turma do grupo que eu participava não achou muito interessante essa junção, essa parceria, por quê? Porque a proposta que tinha nos chegado era de fazer com que os grupos se juntassem e que a partir dali os 2 grupos não seriam mais 2 somente um, mas que continuasse com o nome do grupo de dança Síria, que por sinal na época não era o grupo de danças síria tinha um outro nome mais extenso era conjunto folclórico árabe síria do Amazonas esse é o nome do grupo Síria lá na época, hoje já se tornou mais popular grupo síria do Amazonas, mas lá no início teve essa Denominação.

Você sabe quando mudou, quando saiu de um nome para o outro?

Foi ao longo do tempo acho que foi até de forma natural eu me lembro que até em 1997 eu tenho recordação que a gente usava ainda nos documentos históricos e tal nas narrações de apresentação. Então voltando mestre lá aquela questão da junção,

a partir dali teria que ser o grupo Síria somente né, conjunto folclórico Árabe Síria do Amazonas, e aí foi aonde se pisou no calo da rapaziada, integrantes da Balabak “porque não, não concordo que é pra juntar tem que continuar sendo Balabak” até que em um determinado momento, numa reunião, uma mesa redonda inclusive com o seu Khaled, ele bateu o martelo, e disse olha vocês querem que o nome da dança seja um país que é a Síria ou o nome da dança seja apenas uma cidade que é a Balabak uma cidade em uma região do Líbano. Até porque economicamente falando era mais viável a gente continuar com o nome da Síria porque claro se é um sírio, um empresário, claro que ele vai com certeza ter um prazer de bancar, de patrocinar uma produção cujo nome é o país dele. Aí pronto ninguém discutiu claro que nesse meio tempo houve alguns atritos.

Quem foram os fundadores do Síria você sabe dizer, identificar as pessoas?

Bem, José Ribamar, Rosimarie Barbosa, Rita Barbosa. É eu não sei, eu não estou lembrado do sobrenome mais Cláudio alguma coisa, mais praticamente a coordenação que era da Síria era com o professor Ribamar a Rose e a Rita, foram esses três que praticamente quando a gente se aproximou eram os três de lá da coordenação, mais três daqui da nossa no caso eu a minha esposa e mais dois coreógrafos o Sandro e o Elinei, então a gente acaba se reunindo ali, mas foi um grupo de jovens que entre eles estão professor Ribamar, a Rosimeire Barbosa Tavares Rita Barbosa Tavares.

Essas pessoas que participaram dessa fundação do grupo e dessa criação eles ainda continuam em contato com o grupo, eles permanecem ainda como colaboradores ou ainda tem alguma relação?

Sim, temos contato, conversas, somos amigos nas redes sociais, a última participação que houve assim diretamente dentro do grupo, do espetáculo foi quando a gente inteirou os 25 anos em 2018, 25 anos de história. E aí as duas meninas tanto a Rosi quanto a Rita que por sinal são irmãs, elas integraram o elenco, participaram diretamente.

Você sabe dizer também quando foi a estreia do grupo e onde? foi no festival Marquêsiano?

Em 1993, só que não no festival Marquêsiano, foi dentro do festival Gloriano.

Existia esse Festival nessa época?

O Gloriano sim que era muito forte na época, quem realizava era até o Eduardo Marques que é um dos moradores ali antigos do bairro da glória, morador antigo assim que é bastante conhecido lá na comunidade, e ele era um líder, digamos assim para a comunidade.

Sabe onde realizava, onde acontecia o festival Gloriano?

Você sabe onde tem aquela praça ali?

Da Glória?

Sim, pois é ali tinha uma quadra, uma quadra poliesportiva e a parte onde montavam era praticamente ali onde estão os lanches, onde está aquela praça de alimentação. Aí se montavam o palco, eles faziam toda uma estrutura ali de cercado, colocavam mesas e tal, então em 1993 foi a primeira aparição do grupo síria dentro do festival Gloriano, não chegou à dança no marques porque o figurino não teve tempo de ser finalizado.

Esse festival Gloriano se desfez ao longo do tempo? Ninguém ouve mais falar, não existe mais?

É agora eles fazem atualmente o festival da orla da Glória né, até um tempo atrás o nome festival Folclórico Gloriano estava sendo realizado ali no campo do Sulamérica como muitas vezes já foi realizado. Só que eu acho que os organizadores às vezes o próprio líder comunitário que quem normalmente toma iniciativa com os empresários locais para poder apoiar a realização do evento, eu acho que houve assim certo distanciamento e desinteresse não sei aí foi amornando né, foi esfriando assim aquela, aquela empolgação toda e tal, e aí acho que alguns anos para cá outra equipe começou a tomar iniciativa, e aí começaram a fazer o Festival da orla da glória que aquele já naquela parte aonde tem aquele novo acesso da pista, próximo aquele igarapé.

E para não ter atrito né digamos assim com relação ao nome de quem realizava o festival Gloriano né, aí eles intitularam lá festival da orla da Glória, eu não sei se por trás administrativamente falando é a continuação do festival Gloriano, eu não saberia te dizer.

Apesar de você não ter sido o fundador da Síria, mas estar praticamente na trajetória dela toda né, só no iniciozinho do grupo que você não esteve. Mas o que era feito antigamente para se conseguir bailarinos para o grupo? Eu percebi que uma das formas de conseguir foi fundir dois grupos né, a Síria que já existia com o Balabak que você ajudou a fundar, mas assim o que vocês fizeram ao longo do tempo para permanecer com esses bailarinos, para fazer com que eles continuassem, eu não sei se vocês tinham alguma ajuda de custo nesse sentido. O que vocês fazem hoje para adquirir novos adeptos né, novas pessoas para integrar o grupo e continuar com esse legado?

É antigamente a gente tinha certa facilidade, porque parecia assim que os jovens da época, as pessoas que residiam naquela área em boa parte eram mais fáceis de juntar a turma, de incentivar, estimular o pessoal a participar. A gente não tinha tanta dificuldade como hoje, antigamente o que empolgava a juventude daquela comunidade ou daquelas comunidades, eu me refiro sempre a São Raimundo, Glória e Santo Antônio porque boa parte da nossa vida foi ali, a diversão, o lazer, o entretenimento estava sempre ligado ao festival Marquêsiano, então a juventude queria participar dos grupos de dança ou de dança árabe, ou de quadrilha, então parecia que aquilo ali era um chama né, o festival Marquêsiano sempre foi um chama, então facilitava pra gente na época, Gente olha quem quer? Quem quer?

E aí quando determinada turma, turminha se engraçava com determinada dança estilo de dança, assim como hoje eu vejo muita facilidade o pessoal tem uma queda só por indiana, eu não sei se eu estou falando besteira, mas é o que dar para notar aqui desse lado, porque hoje a gente já não consegue com a mesma facilidade ou, aliás, melhor nem tem facilidade para a gente tentar recrutar e consegui elenco, formar um elenco.

O elenco da Síria, por exemplo, atual é uma turma que já é de no mínimo, tem a faixa etária dos 30 anos, então é um pessoal que já é maduro, a galera que já veio assim ao longo dos anos participando desde quando era jovem quando a gente não tinha tanto compromisso, a maioria mais era o papai ou a mamãe que ia para lá para brincar, para dançar, para participar do grupo e dançar no Marquês, mas ao longo do tempo a galera né com tanto afincos para aquilo, tanto amor por aquilo mesmo mudando de vida aos poucos trabalhos, aos poucos casamento, aos poucos família, aos poucos faculdades não deixou! Essa turma não deixou de lado sempre estava

ali né, um o outro saía, mas depois de dois anos voltava porque deu vontade de dançar de novo, e hoje a gente realmente sente uma dificuldade muito grande, não sei se é pelo fato de ser outra realidade, o momento hoje é outro né a garota da juventude hoje mais ligada à tecnologia, iphone a esses artifícios tecnológicos, pode ser que seja mais atrativo para eles estarem ali no joguinho em casa ou até mesmo com uma turma em uma lanchonete, do que estar no espaço de uma escola, numa quadra ali se envolvendo, a gente tem muita dificuldade de formar atualmente elenco com uma faixa etária mais nova né, eu não vejo essa dificuldade dentro da categoria da dança indiana, mas no caso das árabes a gente nota que está sendo muito difícil, o muito que acontece é o filho do dançarino que por sinal ainda tá ou quer que o filho participe de alguma atividade ele acaba entrando, dançando, participando e acaba gostando e ele fica, mas não demora muito 2, 3 anos o pai já não pode mais levar o filho também não tem condição e tal, aí acaba se afastando, então o que a gente atualmente está fazendo até por conta dessa pandemia a gente iniciou, está executando um projeto que foi contemplado dentro do edital da Secretaria de cultura, pela lei Aldir Blanc, aí a gente já abriu as inscrições para que as pessoas pudessem participar inicialmente fazendo atividades didáticas, oficinas, Workshop de dança árabe, dança do ventre, Dabke homem e mulher, tudo através das plataformas digitais.

Então este ano a gente está tentando desta forma. já houve uma tentativa lá atrás de buscar jovens para poder até inclusive substituir gradativamente o elenco da Síria que já ia se amadurecendo, assim o pessoal ia ficando mais de idade já não tinha mais aquele pique para ir para o ensaio já não dava mais todos os dias ou aquele dia na semana, naquele determinado horário porque era faculdade, família, estudo e aí a gente tinha que ir substituindo aos poucos. Então um tempo atrás eu não me recordo exatamente o ano mais dois integrantes nosso ficaram à frente de um trabalho para pegar, convidar a formar um elenco de garotos meninos e meninas que a gente chamou na época de Síria novo geração, esses dois integrantes, esses dois colaboradores só desenvolveram esse trabalho naquele ano, no outro ano não quiseram mais, é muita dor de cabeça e tal aquela coisa toda, aí essa turma a maioria desta rapaziada que foi quem fez parte da Síria nova geração acabou indo, migrou aí para o trabalho das indianas né foi quando veio aí o trabalho da Caxemira, então uma parte base da caxemira foram dançarinos do grupo síria nova geração

quando a gente na época estava tentando formar ali, reformular o nosso elenco. E ali foi por água abaixo, poxa formamos o pessoal aí foi pro outro grupo (risos), aí a gente continuou com a velharada e tudo mais até o dia de hoje, aí a gente tá fazendo essa nova tentativa de buscar ou formar uma turminha, agora é claro trabalho de formiguinha porque a gente vê que não é fácil.

Estou curioso para saber onde vocês ensaiam, onde vocês ensaiavam se é no mesmo lugar?

No começo da nossa história, a gente sempre foi vinculada as escolas, o grupo Síria assim como o grupo Balabak sempre teve, pelo fato de pertencer ao festival Marquêsiano né, sempre teve aquela relação de fazer um trabalho dentro da escola e tudo mais. Então a dança Síria chegou a ensaiar logo no início do seu surgimento na escola Santo Antônio lá no bairro do Santo Antônio.

Escola Pública?

É escola pública! Escola estadual Santo Antônio no bairro Santo Antônio, aí com o passar dos anos depois que o grupo se juntou Balabak com Síria, o elenco já era maior né, o ensaio passou a ser lá na escola estadual Melo e Póvoas, ali no bairro de Santo Antônio continuando ali dentro do bairro Santo Antônio, depois a gente migrou para outras escolas, o Francisco Albuquerque no Centro, também escola estadual, a escola estadual Brasileiro também ali no centro, a última escola que a gente veio realizando trabalhos que só parou por conta da pandemia , e é nosso lugar fixo praticamente desde 2015 pra cá foi a escola estadual Antônio Bittencourt ali no bairro da Glória.

Na questão do movimento indiano eu realmente enxergo isso, a gente percebe e tem esse receio de como é que vai ser o futuro do grupo, e como que a gente vai trazer essas pessoas para o nosso lado e as fazer acreditarem na mudança do grupo, pelo menos pra esse trabalho, porque realmente é uma coisa a se pensar, os grupos indianos são cheios de jovens, mas se a gente fala para eles sobre uma mudança, sobre outro habitat não tem a mesma força, eles não acreditam.

A gente passou por essa experiência Remilton que você está aí se questionando, há um tempo no ano de 2000, depois que a gente concluiu o trabalho da temporada

do ano de 2000, o seu Khaled cedeu uma fita na época ainda era fita VHS, com um clipe de um cantor árabe com uma cantora indiana e aí nesse clipe a música era árabe mais a paisagem, as imagens era do país indiano e aí quando ele nos forneceu esse material os nossos coreógrafos Elinei Chagas e Sandro Bleides na época, eles pegaram e aí a partir daquela relação entre árabe e indiano veio a ideia de fazer uma produção para, com esse foco fazendo essa mistura tendo essa relação entre essas 2 culturas que por sinal tem e muito forte, motivo pelo qual a gente utilizou essa música e os meninos montaram, produziram, pesquisaram e criaram movimentos se baseando sempre nessa perspectiva dessa junção entre o movimento árabe e um movimento indiano e deu muito certo, só que logo no início dessas atividades, quando a gente quis implantar essa junção, e aí o estilo de dança árabe é totalmente diferente, aliás totalmente não, mas boa parte é diferente da pegada e tudo mais do estilo indiano a turma do grupo opa que isso, claro houve alguns integrantes que pelo fato de, ah você está misturando, ah vai ser indiano agora então não gosto, eu não quero e não vou participar né, sempre tem aquele que não aceitam, não abraçam, mas aí graças a Deus deu tudo certo tanto é que as histórias que a gente ouve né e ouviu a partir de então, é que o professor Elifas assistindo a apresentação do grupo no Marquês, eu não sei se é mais ou menos nesse roteiro aí do que aconteceu, mas ele mesmo já até me falou, ele conversando parece-me que com o Genivaldo vendo a dança Síria lá que veio com estilo misturando árabe com indiano, aí eles falaram está a nossa dança do próximo ano. Foi quando veio à Índia, no ano seguinte já em 2002 parece depois tu podes ir verificar essas datas que eu falo.

Sobre as pesquisas que vocês realizam desenvolvimento dos trabalhos do grupo, falo pesquisa nessa questão de espetáculo, tanto da coreografia como da indumentária, como da gestualidade né que vai ornar essa coreografia, da trilha sonora, iluminação, os gritos dessas manifestações todas que estão dentro do espetáculo, vocês setorizam todas as pessoas fica responsável por um desses elementos específicos ou isso fica a cargo de uma comissão, de um grupo de pessoas? Como é que vocês sistematizam isso?

Certo, em termos de organização para executar essas tarefas a gente tem sim no grupo uma equipe, às vezes a partir de 2 que se junta com mais uma acaba sendo uma equipe, tem uma equipe que faz um trabalho realmente no figurino e aí tem ano

que às vezes é específico do figurino só feminino, enquanto outra equipe só do figurino masculino, mas sempre linkado, olha essa roupa aqui casa com essa, encaixa no tema que está se propondo então beleza vamos né, aí a parte coreográfica tem a nossa equipe de coreógrafos, geralmente a gente forma para fazer a pesquisa, busca das músicas e aí a gente claro tem essa preocupação né, ao longo dos anos agente vem amadurecendo nesse sentido para tentar a cada ano que passa fazer com que o trabalho por mais que seja criticado mas que seja de uma forma positiva e não dizendo assim poxa vocês estão dançando isso mas não tem nada a ver com essa cultura, por que logicamente lá atrás a gente já foi motivo de críticas e aí a gente vai aprendendo. Até porque antigamente eram poucas fontes, hoje a gente já tem um universo de fonte não há necessidade mais de fazer por fazer.

Então vocês não fixam pessoas nesses lugares específicos vocês meio que trabalham coletivamente sempre aproximando outros integrantes do grupo, talvez, para realizar essas ações?

Isso! Acontece isso, a gente já tem aqueles que são de praxe né, por exemplo, eu embora seja o coordenador geral, mas assim nessa formação de comissões e tudo, mas eu sempre estou atuando no aqui, no outro ali. Na verdade a gente acaba reunindo os cabeças do grupo, os principais né eu, minha esposa e mais 3 ou 4 pessoas que estão ali naquele temporada. Gente, a ideia é essa, essa, essa, figurino dialoga com quem está fazendo a coreografia por conta da roupa, a roupa que estamos imaginando pode não combinar com os movimentos que ele vai criar né, então a gente acaba fazendo ali uma comissão com várias pessoas, integrantes do grupo e às vezes envolvendo outros também, para participar dessas comissões, desses trabalhos que vão definir ou direcionar uma determinada produção.

Os coreógrafos sempre foram os mesmos?

Na história da Síria, na maior parte do tempo sim. Teve partes do grupo da Síria que participaram outros profissionais, o Moandro Vieira que eu acho que é o sobrenome dele, Edmundo Martins, Lindoval, o professor, bailarino, coreógrafo Eduardo Amaral um cara que eu respeito e admiro, fora de série né eu tenho ele aqui guardado especialmente dentro do coração, e aí o próprio Eduardo é quem chegou comigo num tempo lá atrás não em 1900 mais aqui, a Edilene está me lembrando aqui do

próprio André, o André Paiva que atualmente é o coreógrafo junto com o Sandro na produção atual.

Então o próprio Eduardo Amaral um tempo atrás batendo, fazendo esse bate-papo perguntando Waldir como é que era como funcionava a Síria, eu disse Amaral é o seguinte naquele tempo lá que os meninos criavam movimentos, eles pegavam a música digamos que depois de uma pesquisa e tal, eu dizia vamos escolher a música, aí escolhia essa, essa, essa, aí o Sandro ele fazia os movimentos específicos das meninas, e o Elinei específico dos homens e quando tinha algum movimento naquela coreografia árabe que eram idênticos aí eles entravam num consenso, olha aqui a gente precisa fazer homem e mulher igual né porque já se coloca um estilo de uma coreografia árabe, que tem que identificar mais a semelhança dos passos né então eles criavam e aí na hora de passar para o elenco, para os dançarinos, eles se colocavam à frente, no momento em que estava ensinando aquele movimento à turma ficava atrás.

Então olha vamos lá 7, 8 e foi, e aí na hora de juntar a galera toda, na hora de fazer aquele desenho todo para se ter ali a coreografia propriamente dita pronta, aí quem fazia esse trabalho naquele tempo era eu, mas eu nunca imaginava naquele tempo que eu, e nem eu me considerava como coreógrafo, então eu que pegava lá os botãozinho fazia um estudo, pegava o botãozinho azul e outro vermelho naquele tempo a gente não tinha muito essa, o azul era homem, vermelho mulher, e aí fazia escutando a música, eu fazia um movimento olha esse aqui eu acho que nessa hora vem pra cá, eu vou puxar o pessoal aqui e aí fazia isso na prática com a turma, gente vamos lá, agora vamos montar a evolução coreográfica, esse era o termo que a gente usava muito, os meninos faziam, não sei se tecnicamente falando era correto dizer, mas a gente criou esses termos, passo coreográfico ou seja aquilo que cada bailarino faziam, ou passavam para o elenco e a evolução coreográfica que era o meu papel na época, então eu pegava aquela criação deles e fazia a junção. E aí tempo depois que em um bate-papo com o Bacana que ele disse: Junior, o coreógrafo era você (risos), eu disse: Bacana tu é doido, eu nunca me imaginei como coreógrafo, nem tenho esse talento todo, mais Waldir era tu rapaz, tu que fazia todo aquele desenho então tu também era coreógrafo, então tá pode me chamar de coreógrafo, então foi uma coisa que eu lembrei agora que eu acabei precisando contar aqui pra você revelar.

E em relação ao grupo, quais foram os festivais que o grupo participou e em quais conquistou título ao longo dessa trajetória de 20 e poucos anos?

O grupo já participou de diversos festivais né, principalmente o Festival Marquêsiano, mas aqui eu destaco a participação nossa dentro do festival folclórico do Amazonas aonde a gente ainda vem participando, e no encontro de danças internacionais lá no Beco do Macedo, o simpósio de danças internacionais que também já foi outro evento cujo a localidade também era no beco do Macedo mas que alternava, mudou depois posteriormente para o sírio libanês era de um outro produtor cultural, e os festivais da cidade de um modo geral né onde a gente gostava de ir, festival do parque 10, festival do Hileia, e nesse contexto todo da história a gente já conseguiu alguns títulos dentro do festival do Marquês, a gente já conseguiu alguns títulos dentro do encontro de danças internacionais do Beco do Macedo, já conseguimos alguns títulos dentro do simpósio de danças internacionais do Beco do Macedo que depois passou a ser no Sírio Libanês, no Festival do Amazonas a gente já ganhou acho que uma ou 2 vezes quando era no tempo da super categoria, que agora não é mais, agora é ouro prata e bronze né, então alguns anos atrás a gente também já conseguiu dentro da nossa associação né que a gente faz parte.

É interessante destacar, mas aí não se trata de título né, mas não deixa de ter sido uma conquista, foi quando o grupo Síria viajou para o Festival Internacional de Folclore de Praia Grande lá em São Paulo no litoral Paulista, na verdade a participação do grupo Síria nesse festival não foi exclusivamente com o trabalho e a produção da dança Síria, mas o trabalho de uma dança regional e na época a gente tinha muitos dançarinos que era muito ligado e participante do movimento do boi né, então a gente montou um bailado com certa dificuldade porque os integrantes tinham o costume de dançar muito com a meia ponta aí o lance do boi era mais pisada, a planta no chão aquela coisa toda, e aí a gente viajou para lá e teve um intercâmbio muito interessante com mais de 15 grupos não só de outras regiões do país como também no festival vieram grupos de outros países Itália, Alemanha, Portugal, Eslovênia, Eslováquia, Rússia então era um festival, até hoje ainda existem festivais folclóricos internacionais só que realizado por outras agremiações mas no mesmo formato, então a gente foi pra lá não para competir porque o festival não era de competição mas foi o grupo da Síria que teve a oportunidade de ir para lá

a gente embarcou na ideia e fomos, e era o grupo da Síria que estava apresentando-o, representando o Amazonas com o bailado do boi , não era competição mais para a gente foi uma grande conquista, inclusive abriu a nossa mente com esse intercâmbio que a gente realizou com outros que lá participaram também.

Essa realização de intercâmbios teve algum outro momento que o grupo, ou algum integrante do grupo realizou um intercâmbio com a cultura árabe ou com outro tipo de cultura ao longo da trajetória do grupo?

Atualmente o grupo da Síria ainda tem dançarinos, mas ao longo dos anos a gente chega a contabilizar a presença e a participação dentro do grupo de mais de 100 pessoas, claro que nem todas essas 100 estão atuando no grupo parte delas sim, e nesse contexto de que se tem algum integrante que já fez intercâmbio com a cultura árabe, com a dança árabe, eu posso afirmar que sim.

Isso todos os anos, porque integrantes que eu considero como da Síria e que integram também outros grupos já participaram e vêm participando do Mercado Persa, que é um festival de cultura árabe, grupos como o do próprio Maicon Muniz que tem o grupo Al Karak, o grupo El Funoun do professor Habib, tem integrantes lá do grupo deles que já dançaram, já integraram o grupo da Síria, e esses 2 grupos praticamente vão para o festival do Mercado Persa, o festival de cultura árabe todos os anos, coreógrafos nosso por exemplo já foram participar de oficinas ou workshop lá fora, participar de competição. Então eu posso afirmar que sim, com frequência, inclusive integrantes do grupo da Síria estão indo com outro elenco co-participando, fazendo esse intercâmbio e participando de competições.

O grupo da Síria mesmo, o elenco da Síria a gente nunca chegou por incrível que pareça a sair do estado do Amazonas para participar de uma competição de um evento fora, a não ser Boa Vista, que a gente chegou aí no ano de 2000 a participar no Festival Folclórico daquela cidade, eu acho que é o festival folclórico do Ingá ou não, é no Parque do Ingá, uma coisa assim eu não sei como é que está o nome. À exceção de Boa Vista o grupo Síria mesmo nunca foi para o sul, sudeste ou para outras localidades com a produção da Síria para competir, No festival folclórico Internacional de Praia Grande quando a gente saiu daqui pela primeira vez com o grupo da Síria mais pra dançar o bailado do boi, oficialmente a gente só foi com

esse trabalho, mas dentro da programação que lá eles chamam a noite das nações, então cada noite um grupo era responsável para fazer uma festa, coordenar uma festa para que os demais grupos que não puderam participar ou prestigiar a apresentação daquele determinado grupo no palco principal prestigia-se ali, esse grupo na noite fazia uma festa onde havia uma confraternização e aí apresentava o seu trabalho, então a gente chegava apresentando o trabalho do bailado e a gente aproveitou nessa situação para dançar se eu não me engano, uma ou duas coreografias da dança Síria, mas foi uma coisa assim simbólica a gente chegou a fazer isso por duas vezes em dois festivais nesse formato onde a gente tem que levar a cultura da região, mas a gente pode levar na bagagem.

Legal! A gente ver na tua fala, e na de 90% das pessoas que eu conheço desse universo folclórico, que o festival Marquêsiano é extremamente importante, significativo para vocês. Mas o que ele representa para o Waldir Junior, o que na opinião do Waldir Júnior ele representa pro grupo Síria, e pra esse movimento folclórico?

Eu acho que é tudo né!

É a base de tudo, da nossa história, é a base de quem morou dentro, de quem nasceu dentro de uma manifestação e que a partir dali cresceu apenas como um personagem vamos supor anônimo, e que com o passar dos anos se tornou um dançarino, é que com o passar dos anos se tornou um coreógrafo sem saber, sem ter noção de que era coreógrafo, foi com o passar dos anos que se tornou um coordenador, com o passar dos anos agora já é um gestor, um produtor cultural que é assim que eu acho e que posso me definir, dado a responsabilidade imensa de levar e de dar continuidade às ações do grupo da Síria como também do próprio Instituto Manaós que é o tutor do grupo Síria, a dança Síria é apenas um dos produtos culturais do Instituto Manaós, então assim o festival Marquêsiano é a base de tudo e é a referência de tudo para essa trajetória não só minha, como um artista, personagem do movimento folclórico e da cultura popular, como também da própria criação do grupo Síria e do surgimento de muitos outros, que tiveram como referência aquele festival.

Você citou o Instituto Manaós o que ele seria digamos assim o CNPJ da Síria, seria uma forma jurídica de representar o grupo?

Pode-se dizer que sim! Em 1997 quando a gente viajou para o festival que eu mencionei a pouco (Brasil Fest in Folk, Festival Internacional de Folclore) quando a gente foi pela primeira vez em 1997 em Praia Grande, no retorno desse festival a gente depois que abriu a mente né vendo diversos grupos, diversas danças do Brasil ali Rio Grande do Sul, Paraíba, Pará outras danças internacionais. Aquele festival parecia que a gente estava dançando dentro do festival Marquêsiano, porque dentro do festival Marquêsiano tem essa miscigenação, essa etnicidade de trabalho, essa diversidade de trabalho dentro do festival, uma dança regional, uma dança nacional, uma dança Internacional é quadrilha é boi bumbá, é a dança árabe, cacetinho. Então quando a gente foi pra lá a gente viu o festival Marquêsiano num formato bem mais técnico, profissional aquela coisa de poxa parece que estamos dentro do festival Marquêsiano, mas dançando com os caras, com os artistas originais vamos dizer assim, o cara que veio do Rio Grande do Sul, o cara que veio da Alemanha, e a gente fazia isso aqui de forma digamos pedagógica ou ali de sala de aula, aquela coisa de dentro de sala de aula, ah vamos fazer uma gincana, vamos fazer um festival, uma Mostra Cultural e pega ali, junta ali e faz aquele trabalho. E quando a gente retornou de lá a gente depois que abriu a mente disse: poxa vamos formalizar agora, a gente precisa formalizar, se tornar uma personalidade jurídica, e os integrantes do grupo Síria que foi quem viajou lá pra esse festival, no seu retorno a gente conseguiu reunir e formalizamos o Instituto Manaós, claro que naquele ano não era Instituto Manaós, era Conjunto Amazonense de Artes Folclóricas, já que a gente trabalhava muito com o lado apenas do folclore, e aí em 2006 com a mudança, a nova regra do código civil né houve uma atualização do novo código civil, aí o conjunto amazonense de arte folclórica já constituído juridicamente com CNPJ, ele mudou, a gente fez uma reforma estatutária passando a se chamar Instituto de Desenvolvimento Artístico Educacional e Cultural Manaós ou só Instituto Manaós. Então a base do Instituto Manaós, os fundadores na verdade nada mais é que os integrantes do próprio grupo Síria, quem viajou naquele momento e quando voltou à gente agora precisa ficar mais formal, imaginando que as coisas vão se tornar mais fáceis para buscar recursos, na verdade a gente acabou constatando, não que seja mais fácil conseguir recursos ou apoio, se tornou menos difícil depois que a gente se tornou uma personalidade jurídica. É por isso que às vezes eu falo assim que Instituto Manaós é o tutor da dança Síria porque a gente carrega a partir do instituto Manaós que a gente vai capitaneando aí os recursos financeiros, através

de editais, através de apoio privado e tudo mais para desenvolver as ações do grupo Síria e outros projetos que a gente tem também.

O Instituto Manaós por um caso ele representa outros grupos, outros artistas ou ele se fixa mais no grupo Síria?

Ele abre para outros artistas de outros grupos apresentarem sim, a gente tem essa abertura, mas não é qualquer grupo que queiras integrar, vamos supor entre aspas se filiar porque, é uma coisa assim tão natural você aí é integrante do instituto Manaós, a gente não tem aquela parte muito burocrática de formalizar, ficha de inscrição aquela coisa toda, a partir do momento que você é participante do grupo, fez parte de qualquer ação, cuja realização é do Instituto Manaós eu já considero vc como membro, pode participar das assembleias, pode participar das discussões, trazerem ideias, propostas, gente representa outros grupos, os artistas que queiram fazer parte desse universo.

Nesse âmbito do Patrocínio, de recursos, na sua fala no início do grupo vocês tinham muita ajuda dessas famílias árabes, principalmente da família Hauache certo? Essas famílias ainda apoiam o grupo, ainda tem alguma ajuda financeira? Existe alguma ajuda de custo para o elenco que está hoje? E como é que vocês conseguem manter a atividade do grupo hoje diante dessas questões econômicas?

No início a família Hauache era nossa principal fonte, digamos assim 70%, 80% daquilo que demandava a parte financeira adivinha da família Hauache, do senhor Khaled, o restante era por exemplo das pessoas da coordenação, no meu caso, no caso de alguns integrantes do grupo que já vai tirando mesmo do próprio bolso porque é aquela situação, a gente gosta, a gente ama e acaba gastando tirando do próprio bolso. E com o passar dos anos esse percentual da família Hauache veio diminuindo até o ponto de que a gente já estava digamos assim entre aspas independentes e caminhando com as próprias pernas, que eu acho que é assim que deve ser ou então buscando outras fontes que não fosse a deles. Então houve um determinado momento da história que a gente já não dependia para manter a dança, o grupo, para produzir a dança, a gente já se auto-sustentava da forma literal mesmo, porque a gente mesmo é que bancava, eu acabava nessa altura do campeonato já tendo mais condições de investir mais do que no começo, e aí

acabou a gente tendo também que capitania, buscar dentro do grupo pessoas que tinham melhores condições para ajudar nesse sentido né, e alguns integrantes melhor dizendo ao longo da história da Síria eles já chegavam “junho quanto é que está precisando” então a gente buscava essa pessoa, esses parceiros que já eram dançarinos, já tinham um gasto normal ali de venda de ingressos, bingos, churrasco feijoada e tal. Mas além tinha aquela turminha lá que já era digamos assim, mas estabilizada, tinha um bom emprego, um bom salário e que tinha o maior prazer te ajudar a banca a produção da dança, não é diferente até hoje, agora o que tem facilitado o que tem possibilitado certo alívio no bolso de cada um individualmente, inclusive foi justamente através dos editais públicos. Então quando a gente imagina alguma produção, assim ou assado, a gente vê um edital aberto corre para lá para ver se consegue tirar um menor valor dos bailarinos, porque eles mesmos já têm a despesa com relação a deslocamento de casa para o ensaio, do trabalho para o ensaio, com os ensaios.

O instituto até hoje não teve condições de chegar a dar uma ajuda de custo propriamente dito para cada um, pelo menos para bancar a gasolina a passagem, a gente nunca teve condições financeiras para fazer esse tipo de ação internamente, mais sempre que podia a gente chegava ao final de uma temporada reunia a turma para fazer uma festa, uma confraternização, mas existe muito trabalho coletivo para conquistar nossos objetivos.

Como é a relação do grupo Síria com o poder público estadual e municipal? E se possível responder a respeito de outros grupos também.

Na questão dos impostos públicos que normalmente eles vêm por meio de chamadas, para o recebimento ou a gente vislumbrar qualquer aposta relacionada aos festivais, a gente integra cada grupo integra alguma associação que assim conseguimos canalizar esse recurso para chegar aos grupos de dança, a fim de apoiar aquela produção. Então a nossa relação do grupo Síria com o poder público é boa, nunca tive nenhum problema, nunca deixamos de prestar conta como obrigação nossa direta com relação dos recursos que já conseguimos.

Histórias e percursos do Grupo Síria do Amazonas pelas palavras da Coordenadora Rosimeire Tavares. Datado em: 17/07/2021

Como, quando e por que o grupo Síria do Amazonas foi criado?

Tudo começou em 1992 um grupo de rapazes de diversos grupos, Cedro, Dabke, Jordânia, Israel, esses rapazes eram de diversos grupos. Você sabe como é bailarino estão sempre insatisfeitos querendo realizar sonhos, querem construir mais, então como já eram amigos de dança diferentes se encontraram, e aquele que era conhecido como Berna, mas se chama Ribamar, ele era coordenador da Jordânia, sempre com muitas Ideais, ele que é o idealizador das roupas, das indumentárias da dança Síria, no início, ele também desenhava as roupas da Jordânia além de fazer parte da coordenação, mas ele queria mais ele tinha outras ideais, e como ele não era o único coordenador então as ideias dele conflitavam com os demais. E no mesmo sentido estavam os outros das outras danças, o que aconteceu é que o Berna ele tinha conhecimento do seu Khaled que era o cônsul da Síria, ele conheceu através do Cláudio que também era outro dançarino da Jordânia, Cláudio era quem ficava responsável na Jordânia de ir atrás de patrocínio sabe como é, que naquela época todos os jovens, ninguém tinha condição de bancar a sua roupa como já é hoje. Então o Cláudio era responsável por isso, então como ele era assim uma pessoa que ele ia mesmo à busca, ele chegou a ir à casa do seu Khaled, se apresentou. Mas até ai ele estava querendo um patrocínio para a dança Jordânia, nessa conversa ele lembrou né que tinha conhecido o cônsul da Síria e que ficaria muito viável conseguir um patrocínio para a dança Síria até porque não tinha, então o Berna começou a desenvolver uma pesquisa, o Berna sempre foi muito estudioso, era professor na época então começou a desenvolver uma pesquisa sobre a Síria e montou um projeto, o Cláudio apresentou para o seu Khaled e ele gostou muito, só que o aconteceu?! Como naquela época as danças eram muito competitiva isso na Glória, Santo Antônio, os dançarinos não queriam entrar numa dança que não tivesse nome, ou seja, a Síria ainda estava nascendo.

Eles só tinham seis rapazes, mas não tinham dançarinas mulheres, chegaram a fazer alguns convites para as colegas que eram da Jordânia até que uma ou duas se interessou, mas outras não quiseram arriscar, até porque a Jordânia já tinha um nome.

Inclusive na época disseram para o seu Khaled que já tinham um grupo, mas na verdade só tinham os homens, aí eles ficaram nesse impasse de conseguir as mulheres. De fato não sei te dizer como foi que isso aconteceu, como foi que eles chegaram a mim, na época nós éramos um grupo de 12 meninas, chegamos a dançar num grupo da Maíse Ribeiro que ela chamava de octopussy, era um grupo só de mulheres e assim Maíse é uma pessoa muito difícil de lidar então todas nós na época se desentendeu com ela, assim pelo fato da coordenação dela que a gente não concordava, então a gente dançou o ano de 1992 todinho e no final do ano deixamos o grupo.

Mas nós queríamos continuar dançando então eu tive a ideia “vamos montar uma dança?”, mas como a gente era menina naquela época, eu acho que deveria ter meus 18 anos mais ou menos, então a gente ficava ali na casa da Jussara do grupo Gaald, a gente se reunia ali debaixo da árvore e ficava lá sonhando com uma dança. Um belo dia me chega à minha casa um rapaz chamado Fábio e o Cláudio, falando sobre esse grupo, disseram que estavam sabendo que nós éramos um grupo de mulheres, eles passaram toda a proposta eu fiquei muito interessada, gostei da ideia e fiquei de conversar com as meninas à noite. Marquei a conversa com as meninas, passei para elas e como sempre todo mundo assim meio com pé atrás, nós não conhecemos os rapazes, com medo do novo porque assim a gente era do Beco do Macedo, eles do bairro São Raimundo, então assim eles lá pra gente era uma potência, eu que não costumo ter medo do novo, sempre me jogo de cabeça fui, então algumas não quiseram, mas decidi eu, a minha irmã Rita, Beth baixinha, a Juliane, a Kika, a Rita que nós chamávamos de Tona e mais a Jussara só fomos nós embarcando com os meninos, marcamos uma reunião lá na Glória, fomos fizemos um primeiro ensaio que tinha algumas meninas da Jordânia, o Bernard já tinha montado a primeira coreografia que era a entrada (que o pessoal chama de trezinho).

Berna era o coreógrafo feminino e o Cláudio masculino, aí as meninas que estavam lá, da Jordânia não gostaram da coreografia acharam muito fraquinha, acharam que a dança não ia para frente, então ficamos só nós. Já no finalzinho de 92 entrando para 93, a Rita minha irmã era menor de idade e os rapazes trabalhavam, mas a gente teria que ensaiar todo dia porque tinha que correr e a gente não tinha como ir para lá porque era noite, nós éramos adolescentes, e a maioria não trabalhava, tinha

que pagar transporte, os conflitos começaram, porém eles decidiram que iriam para onde a gente tivesse, então eu e a Jussara conseguimos o espaço onde era o antigo clube da Cosama ali por trás do cemitério e eles iam toda noite, inclusive era muito engraçado porque eles iam a pé e voltavam a pé, o início das coisas foi difícil, a Síria tem uma história muito linda que as pessoas não conhecem. Então eles saiam 8 horas lá do bairro da Glória, iam andando, passava pelo Beco do Macedo, já lá na quadra a gente se encontrava lá, ensaiamos até umas 22, 23h aí eles deixavam uma por uma em casa e seguiam o rumo deles, ou seja, eles chegavam em casa já quase uma hora da manhã, aí o Berna começou a desenhar indumentária e eu comecei também a ajudá-lo, foi aí que eu entrei nessa vida de ajudar na construção da indumentária e também na coreografia feminina, deixando um pouco mais a feminina porque ele passava para gente do jeito que ele tirava do vídeo e a dança Síria saiu assim. Fomos nos apresentar para o seu Khaled que fez uma recepção, uma festa muito linda, bancou totalmente a nossa indumentária em 93, então ficamos conhecidos como Síriazinha, uma dança de primeiro ano, poucos pares, muito inexperientes, éramos muito pequenos na frente das outras danças.

Após a criação do Grupo, o que vocês fizeram para conseguir bailarinos e onde vocês realizavam os ensaios?

la era acabando (risos), em 94 já com os conflitos o Cláudio que era a pessoa, era o nosso contato com o seu Khaled não gostava da parceria, da reunião, ele não queria essa reunião conosco o pessoal do Beco do Macedo. Em 94 a coordenação se desentendeu e o Cláudio resolveu sair, aí foi na casa do seu Khaled e disse que não estava mais na dança como uma tentativa de acabar com o patrocínio, e então o Berna começou a dar o grupo como acabado.

Eu sempre fui uma pessoa assim pra frente sabe, e eu pensei me dediquei tanto, eu gostei tanto, não ele não vai acabar não! Então os meninos já estavam tristes porque o Cláudio tinha acabado, na cabeça deles o Cláudio era o dono da dança por conta do patrocínio né, então eu tive uma ideia, eu peguei, me arrumei bate lá na porta do seu Khaled, lá eu conversei com ele e disse que o Cláudio tinha acabado com a dança e assim o seu Khaled tinha o Cláudio como dono da dança e eu disse para ele que ele não era o dono da dança, e tanto que o Cláudio não fala comigo até hoje, ele não gosta de mim até hoje, ele acha que eu roubei a Síria dele. Então eu conversei com o seu Khaled, disse a ele que não que a gente gostaria de continuar

só que ele tinha saído, aí ele perguntou quem estava comigo? Aí eu peguei e conversei com o Berna, à noite já voltei com o Berna e fomos conversar, então a Síria continuou e nós iniciamos o ano de 94, foi tudo muito difícil e por conta disso o que aconteceu ficou uma situação chata né, aí foram muitos conflitos as meninas saíram, a Jussara acabou saindo, a Kika acabou saindo, então restou eu e a Rita de mulher aí eu tive uma idéia, eu vi que a dança Cedro estava emprestando as meninas, então eu disse nós vamos emprestar meninas do outro grupo, eu fui e falei com o Berna e ele foi lá com o Júnior na dança Balabak, aí depois de muita conversa foi a Edilene, foi a Lea, foi a Kliver, enfim umas 4 meninas, mas elas também não gostaram acharam tudo muito fraquinho, sendo que ficou só a Edilene, aí eu fiquei pensando que não a gente vai conseguir, a gente conseguiu um espaço lá na igreja Santo Antônio para ensaiar e eu fiquei divulgando foi assim que nós conseguimos completar 8 pares, aí o Berna entrou numa dada crise existencial e abandonou o grupo, aí o Fábio que assumiu a coreografia masculina e ficou à frente também na coordenação, aí eu peguei me coloquei na frente da coordenação sem ninguém me colocar, aí eu comecei do meu jeito tirar as coreografias do vídeo para passar para as meninas, e não deixava ninguém faltar ensaio, estava lá no horário certo. O Bernard deixou um esboço da roupa tanto masculina quanto feminina, ele começou e eu terminei, fomos atrás do seu Khaled pedir patrocínio, na época, a gente não chegou a dançar no Marquês porque a nossa roupa não ficou pronta, não posso esquecer também da Bibi que era do grupo Cedro ela me ajudou muito, muito mesmo, inclusive a passar coreografia para as meninas.

As famílias árabes que residem no Amazonas são, ou foram em algum momento, apoiadoras ou financiadoras do grupo?

Sim foram sim! Uma história curiosa é que uma vez minha irmã que na época era menor de idade, chegou chorando da casa do senhor Khaled porque ele entregou todo o dinheiro da indumentária, se fosse hoje seria tipo assim três mil reais e ele entregou na mão dela que tinha 15 anos, ela chegou lá na glória desesperada com aquela pochete cheia de dinheiro, aí no outro dia fomos para o tropical, comprar o nosso tecido e tudo isso assim o festival já e a gente estava nessa correria, ensaia, compra roupa e vai para costureira e assim na glória aonde os meninos moravam, as pessoas eram muito próximas e ajudavam mesmo mas ainda assim a roupa não ficou pronta e a gente não conseguiu estréia.

A gente foi muito julgado né, inclusive na época a Edilene ficou chateada porque ela tinha ensaiado, ela queria dançar, aí o Berna resolveu aparecer já de última hora, para dar o suporte, mas enfim as próximas Apresentações já ocorreram a gente dançou o ano de 94 e foi muito legal.

Um dos mais importantes festivais folclóricos do Amazonas é o Festival Marquêsiano, em sua opinião, o que este festival representa para o grupo e para os demais?

Significa o nosso gás de querer fomentar dança, fizemos muitas coisas para não perder o momento de estreia no marques, como em 95.

O Júnior não sei o que aconteceu na balabak, mas ele resolveu sair e foi para a Síria, o Bernard ele é uma pessoa muito legal de um talento muito grande, as pessoas julgam muito ele, falam que não era ele que desenhava as roupas da Síria, mas era sim porque eu sou prova disso, testemunha, defendo mesmo, sempre desenhou, só que ele era muito instável sabe, tinha dia que ele estava bem tinha dia que ele entrava em numa crise existência e sumia. E o Fábio que era quem dava muito suporte para a gente estava na faculdade, ele tinha projetos e ele também precisava trabalhar, eu estava ficando sozinha então chegava lá na quadra e me vi assim numa situação, gente nunca tinha pensado em ser coordenadora, mas eu tinha na minha cabeça que a gente tinha que crescer que eu sempre sonhei, na minha cabeça um dia a dança Síria ia ser a dança Síria.

Era isso que eu sempre tinha na minha cabeça, mas Edilene disse que tinha vaga na Balabak então eu fui, eu fiquei olhando o ensaio deles e eles também estavam se desentendendo lá, por conta de coordenação sei lá por quê. mas eles tinham coreógrafo (Sandro) eles não tinham o Patrocínio, lá na Síria a gente tinha um Patrocínio mas estava sem coreógrafo, aí quando foi no outro dia eu fui atrás do Júnior e disse assim Júnior por que a gente não junta a Síria e a Balabak? aí ele ficou assim pensativo, eu criei inimigos dentro das danças por conta dessa minha atitude, mas eu posso te assegurar que não foi uma atitude de querer tomar nada de ninguém, porque eu queria eu sempre sonhei que um dia a dança Síria ia chegar no patamar das grande.

Ai o Júnior conversou com a Edilene ela também ficou com o pé meio atrás, mas resolveu embarcar (eu acho que ela pensou assim por que não acreditar né), mas isso tudo porque não queríamos ficar de fora do marques.

Quando a conversa chegou ao seu Khaled e ele disse que somente apoiaria se a gente escolhesse outro nome, ele disse que poderia ser Damasco, aí eu falei poxa vida mais dança Damasco, ele disse, pois é minha filha você lembra que o outro rapaz também saiu, ficou chateado por causa da dança Síria, aí eu disse tudo bem o senhor patrocina a dança damasco? Sim, nós vamos patrocinar a dança Síria e a dança Damasco.

Vamos como convencer a Balabak a mudar o nome da dança deles e ainda se chamar Damasco, o Berna ficou com raiva de mim, aí o Berna pegou e saiu da dança, e eu disse Berna não tem nada escrito que a dança é tua, eu já era um pouco inteligente na época, não tem nenhum documento que diga que a dança é tua voltei lá com seu Khaled numa tarde, sai do meu trabalho e fui lá com seu Khaled, depois de muita conversa e do seu Khaled falar com o Berna, seu Khaled disse que concordava em patrocinar, aí ficou a cargo de o Júnior ver com o pessoal, a Edilene disse também que concordava e que já iniciamos os ensaios com quem de fatos quis ir, o Sandro que era o coreógrafo e amigo deles também embarcou e foi assim o comentário no bairro do São Raimundo, Glória, que a Balabak tinha se Unido com a Síria. Depois o Berna ainda voltou a aparecer e acabou por desenha a roupa masculina. Então a Síria em 95 não foi campeã, assim a gente se revelou, e quando chegou ao ano de 96 apareceu àquela multidão de pessoas dançarinos da cidade nova que foram para a Síria, que no primeiro dia de ensaio eu tive um susto quando eu cheguei lá que eu achava que ia ver as mesmas caras, mas não, aí o Júnior disse vamos para cima agora a gente vai se revelar

O que você conhece sobre a imigração de povos Árabes para o Amazonas? Como ocorre? Por que aconteceu?

Sim, ele contava para a gente que ele chegou aqui escondido no porão do navio por conta de uma guerra que estava acontecendo lá, e quando ele chegou aqui ele era gêmeo com outro irmão, aí quando ele chegou aqui foi vender as mercadorias nos barquinhos, então ele contava essa história para a gente que foi assim que ele chegou, e conheceu a sua esposa dona Sadie Hauache, assim eram tantas histórias

que culminou na criação da TV Manaus na época, e ele contava essa história, falava para a gente sobre a cultura deles e a gente brincava muito, pelo fato do Bassam ser sobrinho dele e a gente dizer que ia arranjar uma namorada para o Bassam, e aí ele sempre dizia que não podia que o Bassam não ia poder casar com uma brasileira por causa da cultura e que lá ele já tinha uma esposa, que a família que escolhe. Um dia ele nos surpreendeu quando voltou casado e inclusive foi apresentar a esposa dele para a gente chegou a levá-la no ensaio para ela conhecer a dança e a gente percebeu viu que a cultura lá, é forte

Então existia um afeto e cuidado que ia além de somente patrocinar? Isso por ambas as partes digo.

Sim, por exemplo a gente conhecia o Bassam que era sobrinho do seu Khaled, pois ele tinha um lanche lá na Cachoeirinha, e o Bassam nos ajudava muito, nos levando para os ensaios, ia buscar à noite, nas madrugadas, ele tinha um carro com carroceria, então a gente já ia tudo ali.

O Bassam não falava português, a minha irmã Rita é quem ensinou o Bassam a escrever o primeiro alfabeto em português, ele tinha um caderninho aí ela fazia o abecedário para ele, e ele ficava igual criança cobrindo. Quando a gente chegava ao ensaio e lá estava ele com o caderninho, aí às vezes ele chegava mais cedo para ir nos buscar com o caderninho embaixo do braço, era muito ruim a gente não conseguia se comunicar, então gente falava por mímica, ah e ele foi o paraninfo da minha irmã que na época ela estudava no IEA, ela fazia magistério, ela contribuiu muito no desenvolvimento dele, para aprender a nossa a língua portuguesa.

Outro momento marcante foi quando eu passei na Ufam em economia e eu fiquei muito feliz, e então nesse dia assim, eu em casa, não tinha emprego, não estava trabalhando na época, ainda era adolescente, recebi uma ligação dele, do seu Khaled dizendo que ele tinha ouvido o meu nome na rádio e me parabenizou, me chamando de doutora, e nesse dia, ele falou com a Edilene aí ele deu um dinheiro para ela, para a gente fazer uma festinha. Então ele sempre deixou claro que nos tinha como filho, que de fato a reunião, a união foi abençoada.

Vocês realizam pesquisas para a criação dos espetáculos do grupo? Caso afirmativo, como são desenvolvidas estas pesquisas?

A gente sempre se empenhou nas pesquisas e em tudo que ele podia nos doar como acesso, mas algo que me marcou foi o seu pedido que toda vez que a gente tivesse uma música nova, isso foi como um conselho dele. Ele não queria que a gente usasse músicas sem antes levar para ele, porque ele pegou uma música nossa que na verdade era uma música judia, aí você sabe a rivalidade que existe né, então ele chegou dizendo “você quer me ver nu amarrado no poste e sendo executado” porque a gente ia subir no palco com uma música judia como se fosse uma árabe, a gente tinha gostado da melodia, a gente começou inclusive a ensaiar, quando ele viu, ele brigou com a gente, chamou nossa atenção, falo um monte, mas também explicou para a gente o motivo pelo qual não podia, e tantas histórias sobre as desavenças dos 2 povos e que se alguém aqui em Manaus do consulado ficasse sabendo, de fato ele poderia ser executado.

Outro momento que ele chamou a nossa atenção também foi em 95 nós entramos no Marquês com a bandeira de cabeça para baixo. A gente não sabia para gente era igual, ele ao nos assistir foi no final falar e chama atenção. Que ele entendeu que foi um erro, mas as outras pessoas que estavam com ele os outros sírios viram como uma falta de respeito nossa, nós entramos com a bandeira de cabeça para baixo, ele perguntou assim “o que vocês iam achar se eu chegasse aqui com a bandeira do Brasil de cabeça para baixo? vocês não sabem a posição da bandeira de vocês?” foi algo que os próximos dançarinos começaram a aprender nas primeiras reuniões.

Existe alguma informação que nós não conseguimos acessar nesta entrevista e que você considera importante sobre o Grupo de Dança Síria do Amazonas e que poderia contribuir com este estudo?

Bem a história da Síria foi muito difícil, mas foi muito prazeroso. Eu ainda acumulo essas pessoas que não gostam de mim, por conta dessas atitudes, mas eu não me arrependo, nem um pouco. Eu sinto muito por essas pessoas não gostarem de mim, da mágoa, eu aprendi muita coisa sabe, inclusive como profissional onde eu tenho a minha profissão, e esse meu lado artístico eu carrego comigo, é o que faz o meu trabalho se diferente, tudo o que a gente enxerga é como artista, a gente vê com outros olhos! A gente coloca um brilho naquilo.

E não posso deixar de falar do Júnior como coordenador. Se você for olhar para trás a quantidade de adolescentes que hoje são pais, mães de família e muito bem-

conceituados em suas profissões, mas que por muito tempo estiveram sobre a história dele, se baseando nos bons exemplos dele, na conversa dele entende a importância dos coordenadores? Dele como coordenador, do Maicon como coordenador, essas pessoas que estão lá fazendo o bem, você sabe que a gente não ganha nada para isso né, a gente está lá porque gosta mesmo. Mas eu penso que eu fiz o certo e eu cheguei nas pessoas certas porque assim, o Júnior e a Edilene e principalmente a Edilene, a gente é muito parecida no sentido de ir lá e fazer, a gente é assim, eu me identifiquei com ela nesse sentido.

Eu não sei se algum outro grupo de dança chegou a ter essa aproximação tão íntima assim como patrocinador, na verdade é muito mais do que um patrocinador, seu Khaled nos ajudou muito, já nos finais que ele não conseguiu mais nos ajudar porque aconteceram uns problemas na TV e ele teve que sair a gente entendeu perfeitamente e nem por isso deixou de ter o mesmo apreço, mesmo carinho e gratidão por ele.

Uma atenção aos rapazes que também podem se considerar fundadores desta que é a nossa história, Fábio Heiner, Bel, André Enes, Luiz Rosse e Branco, Neofran, Celso (in memoriam).

E por fim eu penso que se tivesse um movimento para que a Secretaria de cultura assim sensibiliza-se a importância do movimento dança árabe dentro desse estado, para ver o quantitativo de jovens que saíram daqui, e que poderiam estar na marginalidade, mas que se tornaram pessoas e pais de família, que concluíram uma faculdade, tudo porque tiveram o privilégio de estar dentro de um movimento de danças internacionais.